ISSN 2359-053x

ANO 8 - NÚMERO 103 - MAIO 2023

Xapuri
SOCIOAMBIENTAL

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA



BUSQUEMOS A PAZ NAS ESCOLAS

p. 08

AMAZÔNIA
Coletivo Varadouro: sementes de resistência no coração da Floresta
p. 32

MEMÓRIA
Anciã Nakwatxa Avá-Canoeiro encanta-se dias depois da homologação de sua terra
p. 34

SUSTENTABILIDADE
Ecodecálogo: dez mandamentos para salvar o Planeta
p. 46



A **Fenae** comemora mais de cinco décadas ao lado dos **empregados da Caixa**, lutando por seus direitos e por uma Caixa forte, pública e social.

Nesses **52 anos**, nosso olhar está no presente e voltado para um futuro cada vez melhor, mais justo e construído com a parceria do **Pessoal da Caixa**.

Gestão 2023 – 2027

FENAE

FEDERAÇÃO NACIONAL DAS ASSOCIAÇÕES
DO PESSOAL DA CAIXA ECONÔMICA FEDERAL

Conheça mais sobre a **Fenae**,
aponte a câmera do seu celular para o QR Code.

Acesse e saiba mais::

/fenaefederacao

@fenaefederacao

www.fenae.org.br

/company/fenae-federacao

(61) 98142 8428

Uma revista pra chamar de nossa

Era novembro de 2014. Primeiro fim de semana. Plena campanha da Dilma. Fim de tarde na RPPN dele, a Linda Serra dos Topázios. Jaime e eu começamos a conversar sobre a falta que fazia termos acesso a um veículo independente e democrático de informação.

Resolvemos fundar o nosso. Um espaço não comercial, de resistência. Mais um trabalho de militância, voluntário, por suposto. Jaime propôs um jornal; eu, uma revista. O nome eu escolhi (ele queria Bacurau). Dividimos as tarefas. A capa ficou com ele, a linha editorial também.

Correr atrás da grana ficou por minha conta. A paleta de cores, depois de larga prosa, Jaime fechou questão – "nossas cores vão ser o vermelho e o amarelo, porque revista tem que ter cor de luta, cor vibrante" (eu queria verde-floresta). Na paz, acabei enfiando um branco.

Fizemos a primeira edição da Xapuri lá mesmo, na Reserva, em uma noite. Optamos por centrar na pauta socioambiental. Nossa primeira capa foi sobre os povos indígenas isolados do Acre: *Isolados, Bravos, Livres: Um Brasil Indígena por Conhecer*. Depois de tudo pronto, Jaime inventou de fazer uma outra boneca, "porque toda revista tem que ter número zero".

Dessa vez finquei pé, ficamos com a capa indígena. Voltei pra Brasília com a boneca praticamente pronta e com a missão de dar um jeito de imprimir. Nos dias seguintes, o Jaime veio pra Formosa, pra convencer minha irmã Lúcia a revisar a revista, "de grátis". Com a primeira revista impressa, a próxima tarefa foi montar o Conselho Editorial.

Jaime fez questão de visitar, explicar o projeto e convidar pessoalmente cada conselheiro e cada conselheira (até a doença agravar, nos seus últimos meses de vida, nunca abriu mão dessa tarefa). Daqui rumamos pra Goiânia, para convidar o arqueólogo Altair Sales Barbosa, nosso primeiro conselheiro. "O mais sabido de nóis", segundo o Jaime.

Trilhamos uma linda jornada. Em 80 meses, Jaime fez questão de decidir, mensalmente, o tema da capa e, quase sempre, escrever ele mesmo. Às vezes, ligava pra falar da ótima ideia que teve, às vezes sumia e, no dia certo, lá vinha o texto pronto, impecável.

Na sexta-feira, 9 de julho, quando preparávamos a Xapuri 81, pela primeira vez em sete anos, ele me pediu para cuidar de tudo. Foi uma conversa triste, ele estava agoniado com os rumos da doença e com a tragédia que o Brasil enfrentava. Não falamos em morte, mas eu sabia que era o fim.

Hoje, cá estamos nós, sem as capas do Jaime, sem as pautas do Jaime, sem o linguajar do Jaime, sem o jaimês da Xapuri, mas na labuta, firmes na resistência. Mês sim, mês sim de novo, como você sonhava, Jaiminho, carcamos porva e, enfim, chegamos à nossa edição número 100. E, depois da Xapuri 100, como era desejo seu, a gente segue esperneando.

Fica tranquilo, camarada, que por aqui tá tudo direitim.



Arthur Wentz Silva
Estagiário



Igor Strochit
Diagramador



Janaina Faustino
Gerente Executiva



Lúcia Resende
Revisora



Maria Letícia Marques
Redatora



Pâmella Breus
Assistente Administrativa



Zezé Weiss
Editora

EXPEDIENTE

Xapuri Socioambiental: Telefone: (61) 99967 7943. E-mail: contato@xapuri.info. Razão Social: Xapuri Socioambiental - Comunicação de Resistência Ltda. CNPJ: 10.417.786\0001-09. Endereço: BR 020 KM 09 – Setor Village – Caixa Postal 59 – CEP: 73.814.-500 – Formosa, Goiás. Edição: Zezé Weiss, Revisão: Lúcia Resende. Produção: Zezé Weiss. Jornalista Responsável: Thais Maria Pires - 386/ GO. Marketing e Responsabilidade Social: Janaina Faustino (61) 9 9611 6826. Mídias Sociais: Eduardo Pereira. Tiragem: Edição Impressa - 1.000 - 5.000. Envio Eletrônico - 100.000. Circulação: Todos os estados da Federação. Revista Web: www.xapuri. info. Distribuição: Todos os estados da Federação. ISSN 2359-053x.

BUSQUEMOS A PAZ NAS ESCOLAS

Foi-se o tempo em que, quando falávamos em paz, o que primeiro nos vinha à mente eram os conflitos internacionais com seu mundaréu de armas matando gente nas guerras do mundo.

Hoje, infelizmente, a violência abre outras frentes neste nosso combalido planeta e, especialmente no Brasil, a ausência de paz ganha terreno e nos assombra em formas diversas, todas elas exigindo ações imediatas, sobretudo do Estado, cujas instituições estiveram à deriva ou foram vítimas de mau uso nos últimos anos.

Os ataques às escolas constituem, por certo, uma das faces mais apavorantes e inaceitáveis da violência. Articulados e propagados nas redes sociais, hoje terra sem lei, crescentes ataques vitimam crianças inocentes e trabalhadores e trabalhadoras da Educação, ferindo, matando e gerando pânico justamente no ambiente escolar, que é onde a cidadania faz morada, numa construção contínua e duradoura.

É sobre essa busca tão fundamental de um caminho para a paz nas escolas que tratamos na matéria de capa da Xapuri 103, nossa edição de maio de 2023. Apresentamos, ainda que sucintamente, um quadro geral das situações de violência que fragilizam a paz no contexto de toda a sociedade brasileira. Registramos os casos mais recentes de violência letal nas escolas, os alvos centrais dessa violência.

Ouvimos, atentamente, o posicionamento da Senadora Teresa Leitão contra o armamento das escolas, o consenso da importância da aprovação do PL das Fake News para a redução da violência na sociedade e nas escolas e finalizamos com um apanhando das ações recentes do governo federal para construir a paz de que nossas escolas precisam.

É um começo de prosa. Contamos com vocês para ampliar o debate.

Boa Leitura, Bom Proveito!



Zezé Weiss – Editora

Jaime Sautchuk – Editor (*in memoriam*)

COLABORADORES/AS - MAIO

Altair Sales Barbosa – Arqueólogo. **Antenor Pinheiro** – Geógrafo. **Bia de Lima** – Parlamentar. **Cynthia Borges** – Advogada. **Eduardo Galeano** – Escritor *(in memoriam)*. **Eduardo Pereira** – Sociólogo. **Emir Bocchino** – Designer. **Emir Sader** – Jornalista. **Iêda Leal** – Gestora Pública. **Igor Strochit** – Designer. **Janaina Faustino** – Gestora Ambiental. **José Bessa Freire** – Professor. **Kleytton Morais** – Sindicalista. **Leonardo Boff** – Ecoteólogo. **Lúcia Resende** – Professora. **Luis Fabiano** – Escritor. **Marcos Jorge Dias** – Escritor. **Maria Letícia Marques** – Pesquisadora. **Maristela Crispim** – Jornalista. **Michael Löwy** – Sociólogo. **Pâmella Breus** – Assistente Administrativa. **Romulo Andrade** – Professor. **Samuel Leão** – Jornalista. **Zezé Weiss** – Jornalista.

CONSELHO EDITORIAL

Ailton Krenak – Escritor. **Altair Sales Barbosa** – Arqueólogo. **Ana Paula Sabino** – Jornalista. **Andréa Luísa Teixeira** – Professora. **Andrea Matos** – Sindicalista. **Ângela Mendes** – Ambientalista. **Antenor Pinheiro** – Jornalista. **Binho Marques** – Professor. **Cleiton Silva** – Sindicalista. **Dulce Maria Pereira** – Professora. **Edel Moraes** - Ambientalista. **Eduardo Meirelles** - Jornalista. **Elson Martins** – Jornalista. **Emir Bocchino** - Arte finalista e Diagramador. **Emir Sader** – Sociólogo. **Fernando Neto** – Empreendedor. **Gomercindo Rodrigues** – Advogado. **Graça Fleury** – Socióloga. **Hamilton Pereira da Silva (Pedro Tierra)** – Poeta. **Iêda Leal** – Educadora. **Iêda Vilas-Bôas** – Escritora (*in memoriam*). **Iolanda Rocha** - Professora. **Jacy Afonso** – Sindicalista. **Jair Pedro Ferreira** – Sindicalista. **José Ribamar Bessa Freire** – Escritor. **Júlia Feitoza Dias** – Historiadora. **Kleytton Morais** – Sindicalista. **Kretã Kaingang** - Líder Indígena. **Laurenice Noleto Alves (Nonô)** – Jornalista. **Lucélia Santos** – Atriz. **Lúcia Resende** – Revisora. **Marcos Jorge Dias** - Escritor. **Maria Félix Fontele** – Jornalista. **Maria Maia** - Cineasta. **Paulo Valério Silva Lima** - Professor. **Rosilene Corrêa Lima** – Jornalista. **Samuel Pinheiro Guimarães Neto** - Diplomata. **Trajano Jardim** – Jornalista. **Zezé Weiss** – Jornalista.

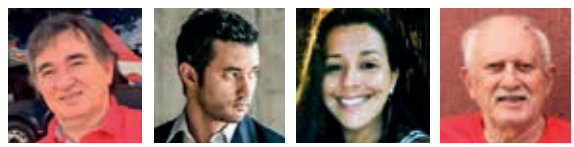


IN MEMORIAM:
Jaime Sautchuk – Jornalista.
Iêda Vilas- Bôas – Escritora.



CONSELHO GESTOR

Agamenon Torres Viana – Sindicalista. **Eduardo Pereira** – Produtor Cultural. **Janaina Faustino** – Gestora Ambiental. **Joseph Weiss** – Eng. Agro. PhD.



Xapuri SOCIOAMBIENTAL 103 MAI 23

08 **CAPA**
Busquemos a paz nas escolas

14 **CAPA**
Como a E. C. Beija-flor enfrentou o terrorismo no 20 de abril

15 **BIODIVERSIDADE**
Macambira-de-flecha promove a biodiversidade na caatinga

19 **CONJUNTURA**
Uma política externa ativa e alta

20 **CERRADO**
João Guimarães Rosa e o Cerrado

21 **CONSCIÊNCIA NEGRA**
Tecendo caminhos para a igualdade racial

Xapuri – Palavra herdada do extinto povo indígena Chapurys, que habitou as terras banhadas pelo Rio Acre, na região onde hoje se encontra o município acreano de Xapuri. Significa: "Rio antes", ou o que vem antes, o princípio das coisas.

Boas-Vindas!

24 **EDUCAÇÃO**
O sequestro da utopia

29 **FOTOGEOGRAFIA**
El malecón, poética trincheira!

32 **AMAZÔNIA**
Coletivo Varadouro: sementes de resistência no coração da Floresta

34 **SAGRADO INDÍGENA**
Anciã Nakwatxa Avá-Canoeiro encanta-se dias depois da homologação de sua terra

37 **HISTÓRIA SOCIAL**
Da fogueira ao altar

38 **RESISTÊNCIA INDÍGENA**
No 19º Acampamento Terra Livre, governo Lula demarca seis Terras Indígenas

42 **POLÍTICA**
Xandão e as *fake news* nas bancas de tacacá

46 **SUSTENTABILIDADE**
Ecodecálogo: dez mandamentos para salvar a vida no Planeta

48 **JUSTIÇA**
Projeto Saúde & Alegria: justiça, ainda que tardia

49 **HOMENAGEM**
Janaina



BUSQUEMOS A PAZ NAS ESCOLAS

Zezé Weiss

> ***Se queremos alcançar neste mundo a verdadeira paz e se temos de levar a cabo uma verdadeira guerra contra a guerra, teremos de começar pelas crianças; e não será necessário lutar se permitirmos que cresçam com a sua inocência natural; não teremos de transmitir resoluções insubstanciais e infrutíferas, mas iremos do amor para o amor e da paz para a paz, até que finalmente todos os cantos do mundo fiquem cobertos por essa paz e por esse amor pelo qual, consciente ou inconscientemente, o mundo inteiro clama.***
>
> Mohandas Gandhi, em The Words of Gandhi

Foi-se o tempo em que, quando falávamos em paz, o que primeiro nos vinha à mente eram os conflitos internacionais com seu mundaréu de armas matando gente nas guerras do mundo.

Hoje, infelizmente, a violência abre outras frentes neste nosso combalido planeta e, especialmente no Brasil, a ausência de paz ganha terreno e nos assombra em formas diversas, todas elas exigindo ações imediatas, sobretudo do Estado, cujas instituições estiveram à deriva ou foram vítimas de mau uso nos últimos anos.

Os ataques às escolas constituem, por certo, uma das faces mais apavorantes e inaceitáveis da violência. Articulados e propagados nas redes sociais, hoje terra sem lei, crescentes ataques vitimam crianças inocentes e trabalhadores e trabalhadoras da Educação, ferindo, matando e gerando pânico justamente no ambiente escolar, que é onde a cidadania faz morada, numa construção contínua e duradoura.

Pode-se afirmar, sem dúvida, que a Educação contribui sobremaneira para que tenhamos um país mais consciente, menos desigual, menos injusto e mais solidário, onde a violência não se crie e não prolifere. Daí ser imprescindível a promoção da paz nas escolas, para que a violência comece a ser debelada a partir da raiz.

A questão, entretanto, é muito mais ampla. O Brasil de nossos dias enfrenta uma terrível escalada de casos de violência letal, sobretudo contra as pessoas pretas, indígenas, trabalhadores e trabalhadoras com pequenas propriedades rurais, assentados da reforma agrária ou sem-terra.

Também morrem ambientalistas, jornalistas, professores,

professoras, jovens, adolescentes e crianças, agora com mais frequência assassinadas por "balas perdidas" ou massacres nas comunidades urbanas.

O risco de assassinato para uma mulher negra é 1,7 vezes maior e para uma jovem preta é 2,19 vezes maior do que para uma branca. A possibilidade de um jovem negro ser assassinado é 2,70 vezes maior do que a de um jovem branco. Ou seja, as pessoas jovens e negras são as mais vulneráveis. Os dados são do Anuário Brasileiro de Segurança Pública, edição 2022.

A Comissão Pastoral da Terra (CPT) registra um acirramento dos conflitos agrários nos quatro anos do governo do Coiso (2019–2022). Em 2022, morreram 47 pessoas, um aumento de 30% em comparação com 2021, que teve 35 mortes, 18 delas (38%) de pessoas indígenas.

A principal causa das mortes foi a invasão dos territórios. Durante a gestão do Coiso foram 1.185 invasões, 1.107 delas (quase 70%), na Amazônia Legal. Morre-se, sobretudo, pela violência da pistolagem, a serviço de fazendeiros (25%), grileiros (19%) e garimpeiros (15%). Isso sem contar os casos de trabalho escravo, que se multiplicam em indústrias e fazendas por todo o país.

Os casos de violência ficam cada vez mais próximos de nós: abusos da polícia, gente armada no trânsito, desmandos de traficantes; racismo, homofobia, misoginia, agressão contra mulheres, feminicídio; abuso sexual contra crianças, desrespeito contra pessoas com deficiência, maus tratos contra pessoas idosas; intolerância religiosa, sectarismo político; os agrotóxicos, a destruição das águas, as pessoas sem ter onde morar, vivendo nas ruas; e o penoso acesso à educação, à saúde e ao amparo legal são realidades constantes no decorrer do nosso cotidiano.

VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS

É doloroso ver o aumento de violência em nossas instituições de ensino. Desde 2011, 52 pessoas foram assassinadas em nossas escolas. Entre setembro de 2022 e abril de 2023, foram cinco ataques com mortes nas escolas brasileiras.

Em 5 de abril, um ataque ocorrido na Creche Bom Pastor, na cidade de Blumenau, no Vale do Itajaí, no estado de Santa Catarina, deixou quatro crianças mortas e pelo menos cinco feridas. Logo depois da tragédia, um homem de 25 anos se entregou à polícia, confessou o crime e foi preso.

Menos de um mês antes, em 27 de março, um adolescente de 13 anos invadiu e esfaqueou quatro professores e dois alunos na Escola Estadual Thomazia Montoro, na Vila Sonia, localizada na Zona Sul de São Paulo. Uma das professoras, Elisabeth Tenreiro, de 71 anos, não resistiu aos ferimentos.

Em 25/11/ 2022, na cidade de Aracruz, no Espírito Santo, um adolescente de 16 anos invadiu uma escola pública estadual e acertou duas professoras com tiros de pistola. Em seguida, o criminoso assassinou uma aluna em uma escola privada. Uma das professoras feridas faleceu dias depois.

Em 5/10/2022, um adolescente de 15 anos assassinou a tiros um estudante e deixou outros dois feridos em uma escola pública de Sobral, no Ceará.

Em 26/09/2022, depois de anunciar o atentado nas redes sociais, um adolescente de 15 anos assassinou com o revólver



Foto: Fernando Frazão/Agência Brasil



Foto: Divugação

do pai uma aluna cadeirante na escola cívico-militar que ambos frequentavam, na cidade de Barreiras, na Bahia.

O massacre mais letal ocorreu em 5 de abril de 2017, na cidade de Janaúba, Minas Gerais, quando o vigia de uma creche, de 50 anos, jogou gasolina e em seguida ateou fogo no corpo de várias crianças e no próprio corpo. Dez crianças e três pessoas adultas morreram em decorrência das queimaduras. Com 100% do corpo queimado, o próprio assassino morreu horas depois.

O segundo ataque mais letal ocorreu na Escola Municipal Tasso da Silveira, no bairro do Realengo, no Rio de Janeiro. Um ex-aluno da escola, de 23 anos, assassinou 12 alunos, com idades entre 13 e 16 anos, e deixou outras 12 pessoas feridas. Em seguida, o assassino se matou, com um tiro na cabeça.

ALVOS DA VIOLÊNCIA

Cada vez mais, nossa comunidade escolar – professores, professoras, funcionários, funcionárias e estudantes – vem sendo vítima de assédio moral, bullying, agressão verbal, agressão física, discriminação, furto, roubo, assalto à mão armada e assassinato.

Conforme levantamento da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), o Brasil está entre os países com os mais altos índices no ranking global das agressões contra professores e professoras. Semanalmente, 10% das escolas brasileiras registram episódios de intimidação contra educadores e educadoras. A média internacional é de 3%.

Alunos e alunas também são vítimas de agressões verbais, psicológicas e físicas. Segundo a Secretaria da Educação de São Paulo, após a volta das aulas presenciais, somente nos dois primeiros meses de 2022 foram registrados 4.021 casos de agressões físicas contra estudantes nas unidades estaduais de ensino. Um aumento de 48,5% em comparação com o mesmo período de 2019, último ano de aulas presenciais antes da pandemia da Covid-19.

CAUSAS DA VIOLÊNCIA

"Essa violência nas escolas chegou no limite. A violência escolar sempre ocorreu, mas de uma maneira não sistêmica. O que a gente viu nesses últimos ataques foi uma violência estimulada, orquestrada, planejada, organizada, fruto da violência da própria sociedade", declarou a Senadora Teresa Leitão (PT-PE), em entrevista exclusiva, concedida à Revista Xapuri, para esta matéria.

Para o Senador Paulo Paim (PT-RS), a desigualdade social, a falta de oportunidades e problemas psicológicos, sociais e econômicos são possíveis causas da violência.

Em entrevistas recentes para a mídia nacional, Marlova Noleto, diretora da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) no Brasil, vem afirmando que "as escolas estão mais violentas porque, nos últimos anos, o Brasil passou a permitir o aumento da população armada, o estímulo da violência e o ambiente de ódio nas redes sociais, sem controle, sem regulação e sem qualquer filtro".

Desde o ano 2000, no marco do Ano Internacional para uma Cultura de Paz, a Representação da UNESCO no Brasil lançou o Programa Abrindo Espaços: educação e cultura para a paz, uma iniciativa que abre escolas públicas nos fins de semana para oferecer a jovens e suas comunidades atividades de esporte, arte, cultura, lazer e formação inicial para o trabalho.

O Programa Abrindo Espaços tem como base a cultura de paz e não violência, bem como a promoção da cidadania de adolescentes, jovens e da comunidade escolar, importante ação de inclusão social que incentiva a melhoria da qualidade das escolas, a participação cultural, a conscientização sobre a prevenção de infecções sexualmente transmissíveis (IST) e aids, assim como o cuidado com o meio ambiente.

É com base nessa trajetória que Marlova se posiciona: "Não podemos esquecer que o Brasil fez uma importante campanha pelo desarmamento, [a partir do Estatuto do Desarmamento, em 2003]. E, depois de décadas, de repente, o mesmo país volta com estímulo ao acesso às armas [nos últimos quatro anos]. São mensagens desconexas para a população.

A obrigação é entender, ter os dados, as estatísticas, conhecer o diagnóstico para aprofundar programas e projetos que possam dialogar com a realidade de maneira integral e integrada para prevenir todas as formas de violência nas escolas. Esse diálogo é amplo e não se restringe só à comunidade educacional".

ARMAMENTO DAS ESCOLAS

Sobre o armamento das escolas, a Senadora Teresa Leitão se posiciona contra e explica porque: "Sou radicalmente contra o armamento das escolas. O território sagrado de cada escola precisa ser protegido. Mas já está comprovado que colocar armas dentro das escolas não as protege, ao contrário, fomenta mais violência.

Existe um setor mais conservador que está levantando a possibilidade do uso de catracas, de policial armado dentro da escola, do reconhecimento facial e detector de metais, estratégia importada de onde esse tipo de violência começou, dos Estados Unidos.

O que foi que os Estados Unidos fizeram, investiram nisso. Qual foi o resultado? Nenhum, nenhum, nenhum. Porque não é assim que se trata de uma questão de cunho tão complexo. É investir dinheiro em coisas que não dão resultado e trazer mais violência para o âmbito da escola.

Como é que que cada estudante vai se sentir? É como o presidente Lula diz: escola não é prisão e nem é quartel pra você colocar policial dentro dela. Quer botar um policial, faça como o governo está fazendo, invista nas rondas escolares, para proteger o prédio, o acesso, mas para por aí, porque polícia dentro da escola não vai resolver".

Marlova Noleto argumenta ser natural que "quando ocorrem ataques, a primeira reação seja: vamos armar as escolas. Mas já aprendemos com outros países que colocar vigilância armada não resolve. Eu sempre pergunto: e vão fazer o quê com o refeitório? Vamos tirar todas as facas, os vidros, as cadeiras? Porque qualquer coisa pode virar uma arma. Claro que precisamos ter batalhões escolares, que atuem no entorno da escola, aliados com inteligência policial. Fora isso, o que temos é que fazer é investir na prevenção".

Para o presidente Lula, "A gente não tem que satisfazer os terroristas que estão fazendo ameaças. A gente tem que dar as aulas, mas tem gente que acha que a solução é levantar os muros das creches. Nós precisamos utilizar a nossa inteligência para tentar recuperar neste país a compreensão de que ser bom é melhor do que ser ruim".

Em vez das armas, especialistas propõem a implementação de políticas públicas de paz e inclusão social e a promoção de valores e comportamentos que conduzam ao diálogo, à solidariedade, à tolerância, à não violência e à amizade entre as pessoas.

No Distrito Federal, o Projeto Vozes da Paz, que faz parte do Programa Justiça Comunitária do TJDFT, desenvolve métodos de solução de conflitos e prevenção de violências nas escolas por meio da participação democrática e horizontal em toda a comunidade escolar.

A Senadora Teresa informa que, nos esforços de busca pela paz nas escolas, "como parte da Comissão Interministerial, sob a Coordenação do Ministério da Educação, o Ministério da Justiça trata do que tem que ver com fazer justiça, ou seja, se é crime tem que ser punido, mas também investe na execução de políticas públicas de segurança e bem-estar social.

Por outro lado, o Ministério dos Direitos Humanos, por tratar muito do direito à vida, do direito à Educação, e nós da Educação, estamos trabalhando com a abordagem psicossocial, tanto de professores como de estudantes, pois o adoecimento mental hoje mais do que antes da pandemia, é um fato real.

Ao mesmo tempo, queremos cada vez mais abrir a escola para as famílias, para que elas também tenham aquele senso de pertencimento com a escola, para que elas vejam que a escola, além de segura, é um espaço capaz de oferecer um ambiente de acolhimento e proteção pra seus filhos e filhas".

PL DAS FAKE NEWS

Para a senadora Teresa Leitão, a aprovação do Projeto de Lei das Fake News (PL 2630/2020) em tramitação no Congresso Nacional, é fundamental para coibir a violência na sociedade e nas escolas, "porque muita coisa passa pela proliferação dos discursos de ódio nas redes sociais, sem nenhum filtro".

Os recentes ataques em escolas e a disseminação de ameaças, que levaram pânico às famílias, reforçam a necessidade de investir na construção de uma cultura de paz no ambiente escolar, o que passa pela regulamentação das plataformas digitais, segundo Marlova Noleto.

"O Brasil passou a permitir o estímulo à violência e um ambiente



Foto:Arnaldo Sete/MZ Conteúdo

de ódio nas redes sociais. O projeto PL 2630, das Fake News, tem tudo a ver com esse desafio. Porque a desinformação permite o crescimento de um ambiente de violência, e nos últimos anos vimos uma verdadeira infodemia", afirma Marlova.

O PL das Fake News não é, portanto, segundo a Senadora Teresa, um projeto de censura. "Pelo contrário, é um projeto de liberdade para todos e para todas. Esperamos que ele seja aprovado e tenha sua incidência na paz que buscamos para as escolas do nosso país", conclui a Senadora.

PLANO DE COMBATE À VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS

A onda de recentes ataques às escolas, que nos apavorou nos últimos meses, levou o governo Lula a lançar uma campanha nacional – "Tamo junto pela paz nas escolas" – para unir esforços do governo federal, dos governos estaduais, do Governo do Distrito Federal (GDF) e dos governos municipais na promoção de um ambiente de paz para toda a comunidade escolar brasileira.

No último dia 18 de abril, por iniciativa do Ministério da Educação (MEC),

O governo criou um grupo interministerial para evitar novos ataques nas instituições públicas e privadas de ensino no país. De acordo com o ministro da Educação, Camilo Santana, o grupo trabalha para elaborar, com a participação dos municípios, dos estados e do Distrito Federal, um programa de combate à violência nas escolas.

A ação pretende, segundo o MEC, estimular a união de toda a sociedade com o envolvimento dos governos estaduais e municipais. Entre as ações integradas, destacam-se a Operação Escola Segura, o Programa Dinheiro Direto na Escola e a destinação de recursos para o combate à violência. A operação atua com ações preventivas e repressivas 24 horas por dia e não tem data para acabar.

No dia 19 de abril, o MEC lançou uma cartilha de recomendações para orientar toda a comunidade escolar, incluindo estudantes, profissionais da educação e familiares sobre a proteção e a segurança no ambiente escolar.

Para a deputada Ana Paula Lima (PT-SC), Secretária da Criança, do Adolescente e da Juventude da Câmara dos Deputados e vice-líder do governo Lula na Câmara, além de todo o apoio à segurança pública nas escolas, as ações afirmativas do governo abrem caminho "para que as todas as esferas da sociedade, incluindo o governo, a comunidade escolar e as famílias, trabalhem juntas para combater a violência nas escolas e creches brasileiras".

Em audiência pública conjunta, promovida pelas Comissões de Constituição e Justiça (CCJ), de Educação (CE), de Segurança Pública (CSP) e de Direitos Humanos (CDH), realizada no dia 2 de maio, especialistas em educação frisaram que o combate à violência nas escolas é um problema complexo, que exige ação integrada entre Estado e sociedade e vai muito além de medidas de segurança.

Para tornar os ambientes mais seguros, o ministro Camilo informa que apoiará a saúde mental nas escolas, com incentivo à assistência psicossocial a estudantes e profissionais da educação. Camilo aposta também no controle sobre as ameaças a escolas nas plataformas digitais:

"Precisamos combater os crimes que estão sendo cometidos nas redes sociais, não só no Brasil, mas no mundo inteiro. Tem as redes chamadas de dark web, deep web, que estimulam os jovens para a violência, a morte e o crime".

O que vemos, em contraponto com o que se viu nos últimos anos, são passos firmes e determinados na direção do enfrentamento da questão, na busca de soluções. É um bom começo, que nos permite antever dias melhores. Esperancemos, pois...



Zezé Weiss - Jornalista. Matéria construída a partir de entrevista com a Senadora Teresa Leitão, em 4 de maio último, e com base em dados coletados em: artigo "A Paz de Que o Mundo Precisa", de Jaime Sautchuck, encantado em julho de 2021; Agência Senado; Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib); Comissão Pastoral da Terra (CPT); *Folha de São Paulo*; Anuário Nacional de Segurança Pública; e Unesco.


PAZ
NAS
ESCOLAS!



COMO A E. C. BEIJA-FLOR ENFRENTOU O TERRORISMO NO 20 DE ABRIL

Cynthia Borges

Nos dias que antecederam o 20 de abril, mães e pais de todo o País estavam desesperados, pois circulava nas redes sociais a informação de que jovens ligados a movimentos neonazistas estariam assediando outros jovens para propagar discurso de ódio e ameaças contra as escolas.

A data do aniversário do ditador alemão Adolf Hitler, nascido em 1889, mobilizou ainda mais o discurso de ódio da extrema-direita no Brasil, que resolveu pegar carona no massacre de 5 de abril na Creche Bom Pastor, em Blumenau, Santa Catarina, contando com o pânico iniciado pelos terroristas, a seguir retroalimentado pelos usuários das redes.

Em nossa comunidade escolar o clima não foi diferente. As famílias da escola Classe Beija-flor, localizada na Asa Norte, em Brasília, reunidas pelo WhatsApp, viram surgir, imediatamente, uma enxurrada de mensagens que alternavam terror, pânico, boatos, discursos armamentistas, exigências, silêncios, medo.

As soluções apareciam e se perdiam em meio à profusão das mensagens! Mas não viriam pelo WhatsApp. O jeito era esperar que as ações anunciadas desde a primeira hora pelo governo federal lograssem êxito e o pânico fosse controlado. Mas não havia a promessa de que essa espera seria tranquila. Foi então que algumas famílias passaram a executar pequenas ações de sobrevivência.

A primeira ação: um acordo para que as famílias não reproduzissem os vídeos com as ameaças que circulavam nas redes sociais. Com as orientações do ministro Flávio Dino, as pessoas começaram a se convencer de que divulgar as ameaças estariam ajudando os terroristas e não simplesmente alertando as outras famílias.

A segunda ação: acolher as famílias tomadas pelo medo. Conversas no privado, escolha de matérias que noticiavam a retirada dos perfis nazistas do ar; esclarecimento de que o discurso de ódio era o gerador dos ataques e de que as redes sociais eram os veículos dos terroristas.

A terceira ação foi a proteção das crianças contra os impactos dessas notícias nefastas. Em vez de embarcar na loucura generalizada nas escolas do DF, que chamaram a polícia para improvisar treinamentos contra os ataques, ou correram para matricular as crianças em escolas de tiros, optamos por evitar que elas ficassem mais amedrontadas que os adultos. Afinal, esse era um problema para os adultos resolverem, óbvio!

Em fina sintonia com essas ações, a gestão da E.C. Beija-Flor cuidava de manter a sanidade dos profissionais da escola. No próprio dia 20, uma linda roda da paz foi realizada pelas crianças levadas à escola pelos pais confiantes de que essa era uma forma de resistência ao terror.

Aliviadas pela passagem daquela data, algumas famílias continuaram a lutar, cortando a linha de transmissão dos discursos de ódio e torcendo pela aprovação do Projeto de Lei das Fake News. Nessa nova etapa fomos atropeladas pelo poder do dinheiro das Big Techs e pela subordinação do Congresso Nacional a interesses de aliados do fascismo.

Claro que sentimos um gosto de derrota, mantendo, porém, a certeza de que a luta precisa continuar. Não podemos ficar à espera de outros ataques terroristas como o do dia 20 de abril!



Cynthia Borges – Advogada. Defensora dos Direitos Humanos. Mãe de aluna da Escola Classe Beija-Flor. Colaboraram Antonio Carlos Queiroz e Juliana Oliveira. Foto: Tatiana Pimentel.

MACAMBIRA-DE-FLECHA
PROMOVE A BIODIVERSIDADE NA CAATINGA

Maristela Crispim



Foto: Divulgação/ Jaqueiuto Silva Jorge

Planta muito comum no semiárido brasileiro, a bromélia rupícola ou macambira-de-flecha tem uma importância que vai muito além dos seus usos em artesanatos, medicamentos e alimentos para animais e pessoas da região.

Estudo conduzido por pesquisadores da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) mostra que a planta tem papel-chave na conservação da biodiversidade da região e está publicado em Early View na revista Ecology.

A pesquisa recebeu apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

Para investigar como a bromélia rupícola atua nos ecossistemas da Caatinga, bioma que ocupa boa parte do Nordeste e a porção norte de Minas Gerais, os pesquisadores realizaram observações mensais durante o período de 2011 a 2018, em três afloramentos rochosos onde elas ocorrem, localizados no município de Santa Maria, no estado do Rio Grande do Norte. Esses locais, que somam cerca de 21 mil metros quadrados de área, continham 313 aglomerados com 3.696 unidades da planta amostradas.

A equipe de pesquisa constatou que a espécie é uma das poucas que conseguem crescer nesses afloramentos rochosos, que são bastante inóspitos do ponto de vista das condições físicas. Nesses locais, elas formam um habitat favorável para os animais que vivem na região, proporcionando um ambiente com temperaturas mais amenas e maior umidade em comparação com o meio externo e funcionam, assim, como um refúgio.

"Ao criarem tais oásis, essas bromélias atraem desde pequenos invertebrados, como formigas, cupins e besouros, até anfíbios, lagartos, serpentes e aves, incluindo mamíferos de pequeno e de médio porte, criando uma rede de interações [teias tróficas] entre esses grupos", explica Jaqueiuto da Silva Jorge, um dos autores do estudo.

Além de oferecer abrigo e ambiente adequado para a reprodução e fixação de ninhos de diversas espécies, o estudo mostrou que essa bromélia também é uma fonte importante de alimento para muitos animais.

"Elas disponibilizam seus próprios tecidos, como folhas, partes internas e flores, além de néctar e pólen em abundância, principalmente nos períodos de seca na região, épocas de escassez de recursos", conta Jorge. Assim, espécies herbívoras que se alimentam da planta atraem seus predadores naturais que, por sua vez, trazem outros, chegando a consumidores finais, como mamíferos, a exemplo do furão e do gato-macambira, espécies características da Caatinga.

Por atuar como espécie-chave na reunião de tal diversidade de animais, essa espécie de bromélia é fundamental para a manutenção da biodiversidade nas regiões semiáridas brasileiras. No entanto, a sua preservação vem sendo ameaçada, uma vez que os lajedos e afloramentos rochosos têm sido cada vez mais atingidos pela mineração e pelas queimadas.

O pesquisador ainda acrescenta que a bromélia rupícola funciona como um ótimo modelo para estudos na área da Ecologia, sobre interações entre seres vivos e formação de comunidades, e outras áreas e temas, como o estudo dos processos de decomposição e aporte de nutrientes em ambientes semiáridos.



Maristela Crispim – Jornalista. Idealizadora da Agência Eco Nordeste. Mestre em Meio Ambiente. Fonte desta matéria: https://agenciaeconordeste.com.br/.



Foto: Divulgação

UM SALVE PARA KELLY QUIRINO, PRIMEIRA MULHER NEGRA NO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO DO BANCO DO BRASIL

Kleytton Morais

Kelly Quirino, bancária do Banco do Brasil há 15 anos, 10 deles com serviços prestados na Fundação BB, hoje na Diretoria de Marketing e Comunicação (Dimac) do banco, é a nova Conselheira de Administração Representante dos Funcionários e Funcionárias (Caref), no Conselho de Administração (CA) do Banco do Brasil (BB).

Eleita em primeiro turno, Kelly tomou posse no último dia 27 de abril, como a primeira mulher negra a representar o Caref no CA do BB. Para celebrar esta conquista histórica dos trabalhadores e trabalhadoras da categoria, nosso Sindicato promoveu uma linda homenagem à companheira Kelly no Teatro dos Bancários, em Brasília, no último dia 4 de maio.

Compartilhamos aqui o discurso da Conselheira Kelly Quirino, umas das das 115 mulheres referência na luta antirracista no Brasil, nossa prata da casa, nossa companheira comprometida com a luta dos bancários e das bancárias para retirar o Brasil dessa armadilha da produção da miséria e da desigualdade social. Confira:

Boa noite a todas! Boa noite a todos! Boa noite a todes! Agradeço a todes pela presença nesta noite de muita emoção para mim, e de muito simbolismo para nosso Banco do Brasil!

Quero agradecer aos meus mais velhos, em especial a minha mãe e minha tia que estão presentes nesta noite. Aos colegas do Banco do Brasil, meus amigos dos grupos de afinidade do BB Black, LGBTQIAP+ do BB, Liderança Feminina, PCD's. Agradeço a todas as pessoas que votaram em mim, ainda que não me conhecessem. Acreditaram em

mim, no nosso projeto, e me elegeram. Às pessoas que chegaram antes de mim e pavimentaram o meu caminho, gerentes, líderes, mentores. Cada um que me ajudou a construir minha carreira no BB e hoje, agradeço por estar aqui como representante dos colegas do BB.

Quando uma mulher negra se movimenta, toda uma estrutura se movimenta. É isto que estamos fazendo agora. De Dandara, Akotirene, Luiza Mahin, Lélia Gonzalez e Carolina Maria de Jesus. As minhas mais velhas na luta como Sueli Carneiro, Jacira da Silva e Graça Santos. Eu sou o sonho e a esperança dessas mulheres. Elas que me sustentaram e me possibilitaram estar diante do meu maior desafio: ser Caref do BB.

Em 27 de janeiro, fui eleita para integrar o Conselho de Administração do Banco do Brasil. Com o voto de 19.091 colegas, disputando com outros 90 candidatos, as funcionárias e os funcionários da principal instituição financeira estatal do país escolheram – pela primeira vez, e em primeiro turno – uma mulher negra para representá-los.

Nos quase 215 anos de existência, o Banco do Brasil foi protagonista de muitos trechos da história do país: em verdade, ajudou a escrevê-la.

Muitas dessas histórias são motivos de orgulho. Afinal, o Banco foi celeiro do desenvolvimento de nossa economia, apoiou a industrialização da nação, esteve presente como protagonista no fomento à agricultura e é uma grande ferramenta de Estado para implementar políticas públicas. Ele está presente em todo o nosso território continental.

E, sendo protagonista das crônicas do Brasil desde 1808, desde a monarquia, o Banco do Brasil também deu arrimo para páginas bastante ultrajantes de nossa história Não posso deixar de trazer à tona nesta cerimônia uma dessas páginas: ela se encontra nos anais da escravidão de meus ancestrais. Atuando como a principal instituição bancária do país, o BB testemunhou de perto, durante décadas, o comércio lucrativo e sanguinário de pessoas escravizadas, ainda no período colonial.

Envergonho-me profundamente ao recordar que, no início da história deste Banco, ele não apenas contemplava passivamente as profundas tristezas da escravidão, mas, em muitas ocasiões, serviu como base de transações que impulsionaram o mercado de seres humanos.

Como fruto da atuação na época, o BB colaborou para transformar vidas em meros registros contábeis, assolando milhares de africanos raptados e escravizados, que foram drasticamente reduzidos a mercadoria, a "ativo" no balanço de brancos endinheirados e poderosos. Registros acadêmicos apontam que o Banco do Brasil chegou a ter mais de 40 mil escravizados "hipotecados", dados em garantia de operações de crédito. Feito bens, feito máquinas, feito mero colateral financeiro.

O machado esquece. A árvore recorda e espalha sementes. Incapazes de reescrever o passado, temos a responsabilidade de melhorar o presente e criar um futuro melhor para as gerações vindouras, que seja caracterizado pela igualdade e pelo respeito à diversidade.

Ao relembrar desse tempo, que não se apaga, tenho a clareza de que, se hoje me torno uma conselheira eleita pelos funcionários do BB, não se trata apenas de uma conquista pessoal. Na verdade, presenciamos, sem falsa modéstia, um marco para a representatividade racial e de gênero, e um grito contra o racismo e sexismo estrutural que ainda vivemos no Brasil, e em particular no mundo corporativo. Eu mesma sofri situações racistas em minha carreira como ser impedida de usar o turbante em uma agência.

O argumento é que não era um código de vestimenta do BB. Meu turbante incomodou. Meu riso incomodou. Minha determinação incomodou. Mas, com o apoio da minha família, amigos, colegas negros e negras do BB Black, do movimento negro de Brasília, deste Sindicato, fui me fortalecendo e de forma coletiva fomos combatendo o racismo, o sexismo e o classismo.

Não caio no discurso de meritocracia, que é liberal e raso, por um motivo muito simples: sei muito bem das lutas que foram travadas por grandes mulheres, grandes pretas e pretos, para que eu pudesse estar aqui. É assim que me sinto enquanto tomo posse como Caref: orgulhosa por construir e ser parte da mudança de que a sociedade tanto necessita.

Essa conquista me faz lembrar do longo caminho que trilhei: de uma família pobre da periferia de São Paulo, filha de uma faxineira e de um costureiro, estudei toda minha vida na educação pública. Com muito esforço dos meus pais, dona Ana e seu Tica, consegui cursar uma universidade pública – um privilégio para poucos de onde eu vim.

Lá em 2003, quando coloquei o pé na universidade, as cotas sociais e raciais ainda não eram uma realidade na Unesp. Eu era uma das pouquíssimas pessoas negras a circular naquele espaço universitário e sentia esse peso o tempo todo. Percebi logo que aquele cenário precisava mudar. Foi justamente na sala de aula que tive a oportunidade de moldar minhas ideias, desenvolver meus sonhos e refinar minha capacidade de liderança para atuar no mercado financeiro e no espaço acadêmico.

Cresci querendo ressignificar o lugar de mulher negra e periférica: ousei ser jornalista, ousei ser mestra, ousei ser professora, doutora, estudar nos Estados Unidos... E agora ouso, respaldada por vocês, ser conselheira de uma importante estatal de meu país.

Se quer ir rápido, vá sozinha. Se quer ir longe, escolha bem quem vai te acompanhar, e vá em grupo. Eu não estou sozinha. Nunca estive. Aqui estão companheiros de luta do Sindicato. Aqui estão meus amigos jornalistas negros e negras da Cojira-DF. Aqui estão amigos queridos, que moram em várias cidades, em que já morei por trabalhar no BB, como Bauru, Santos e Brasília. Amigos de infância que estão me acompanhando em São Paulo. Meu quilombo de pretos e pretas do BB: BB Black.

O apoio do movimento sindical foi fundamental para que hoje eu esteja neste púlpito: a participação de cada colega, atuando na base, divulgando a candidatura, postando nas redes sociais e validando meu nome. Sem esse trabalho e essa dedicação, não estaríamos hoje aqui celebrando. A cada um, de cada sindicato, em cada estado, eu agradeço profundamente.

Meu agradecimento especial ao presidente do Sindicato de Brasília, Kleytton Morais, e aos colegas desta casa, que, além de todo o respaldo na campanha, ainda

abriram as portas de sua sede para este evento tão marcante.

Em São Paulo, no mês passado, tive a oportunidade de celebrar, juntamente com os associados, a marca histórica de 100 anos do Sindicato de São Paulo, Osasco e Região, e agradecer a cada um pela receptividade ao meu nome como Caref.

Algumas coisas mudam, mas a importância da representação sindical e dos movimentos sociais permanece mais viva do que nunca. Sentimos isso na pele nos últimos anos de retirada de direitos e de desorganização social, trabalhista e previdenciária.

Obrigada amigas e amigos do movimento sindical e dos movimentos sociais! Vocês estão em meu coração e fazem parte deste mandato! Durante anos, as mulheres negras foram excluídas das cúpulas dirigentes das grandes corporações brasileiras, sendo ainda invisibilizadas. De acordo com pesquisa publicada pelo IBDEE em 2021, o percentual de mulheres em conselhos de administração de empresas brasileiras é de apenas 17%.

Quando fazemos o recorte de gênero e raça, interseccionalmente, mulheres negras não chegam a 1% das vagas de conselheiro: são representadas por um traço, como destaca o manifesto criado pela organização ***Women On Board.*** *Esse índice revela a vergonhosa sub-representação e mostra qual o tamanho do esforço que ainda será necessário para ecoar a voz da diversidade pelos espaços de poder.*

Nosso mandato como Caref é pautado pela defesa de políticas efetivas de diversidade e inclusão no Banco do Brasil. Acreditamos que a estatal deve servir de exemplo para as demais empresas do país, sendo um paradigma de governança forte e transparente, respeito aos funcionários e defesa de princípios democráticos e dos direitos humanos.

Quero ser a voz dos funcionários no Conselho e quero trabalhar fortemente para que o Caref tenha maior escopo de atuação, podendo, inclusive, debater e votar temas ligados ao funcionalismo.

Defendo que o Caref tenha papel legitimado do Conselho e das diretorias para dialogar diuturnamente com o corpo funcional e com os atores importantes para nossa empresa. Que o mandato possa ter o respaldo para atender efetivamente a expectativa dos colegas.

Todos os funcionários devem saber quem é o seu representante no Conselho do BB, e como acioná-lo. Para isso, abri minhas redes sociais para serem canais permanentes de comunicação, inclusive criando o "Zap da Kelly".

Assumo como conselheira do BB num momento de união e reconstrução do país.

E o Banco que queremos construir é diverso, é plural, e é público em sua essência de atuação. Defendo a ampliação do protagonismo do BB no mercado financeiro e nas entidades em que atua como membro. Combaterei todas as formas de enfraquecimento do conglomerado, assim como medidas para vender seus ativos.

O país não precisa de um banco público atuando com as mesmas diretrizes de um banco privado: o nosso papel é outro! É o de fomentar linhas de crédito adequadas ao desenvolvimento das economias locais, de pequenos e médios agricultores, cooperativas e ações de desenvolvimento sustentáveis. Desenvolver as iniciativas de bancarização, microcrédito e capacitação em crédito consciente e gestão financeira de clientes. É apoiar a cultura com os CCBB e apostar em projetos sociais sólidos com a nossa querida e poderosa Fundação Banco do Brasil.

Desejamos retomar o papel de interiorização de atendimento bancário, revendo o fechamento de agências em localidades que ficaram sem acesso aos serviços financeiros. Devemos respeitar a decisão dos clientes com relação à forma de atendimento preferida. Apoiarei a revisão de políticas de crédito para agricultura não sustentável, para empresas sem aderência a princípios de direitos humanos e de ASG, e para envolvidos em quaisquer atos antidemocráticos.

Darei suporte de modo enérgico aos trabalhos do recém-criado "GT de Diversidade", como fruto de uma longa demanda dos grupos identitários do Banco, como o BB Black Power, do qual sou uma das fundadoras. O país que queremos pode não ser fácil de ser alcançado, mas ele começa por nossas próprias ações nos meios em que atuamos.

Acreditamos que mudanças verdadeiras começam com representatividade nas esferas de decisão. Por isso, queremos ver mais mulheres negras, pessoas LGBTQIA+, PCDs e outros grupos historicamente excluídos assumindo responsabilidades nos diversos níveis das organizações. Por que não começar pelo BB?

É necessário que se invista em políticas de diversidade e de combate ao assédio moral e sexual para fortalecer as nossas instituições, e estamos dispostos a contribuir para este objetivo, em parceria com as representações sindicais e os movimentos da sociedade civil. Estamos aqui prontas para lutar pela mudança de que a sociedade precisa.

É hora de apostar na diversidade e inclusão nas posições de decisão das grandes instituições. É hora de levantar a bandeira contra o racismo e sexismo estruturais. É hora de destacar as mulheres negras nos grandes empreendimentos brasileiros. É hora de nos erguermos e lutarmos contra estereótipos, preconceitos e exclusão social.

Um antigo provérbio africano diz que quando as teias de aranha se juntam elas podem amarrar um leão. Invoco aqui todas as pessoas que acreditam na transformação social à luta pela superação das barreiras de gênero, raça e orientação sexual na economia. Somente respeitando nossos funcionários, retendo nossos talentos e construindo espaços abertos para as diferenças é que alcançaremos a justiça, a igualdade e o bem-estar social com o qual sonhamos.

(...) Contem comigo para transformar nossa realidade naquilo que queremos e sonhamos!

Ubuntu – Eu sou porque nós somos!



Kleytton Morais – Presidente do Sindicato dos Bancários e das Bancárias de Brasília. Membro do Conselho Editorial da *Revista Xapuri*.



Foto: Ricardo Stuckert

UMA POLÍTICA EXTERNA ATIVA E ALTA

Emir Sader

Uma política externa ativa e alta.

Assim, o ex-ministro das Relações Internacionais do Brasil, Celso Amorim, descreve a política que ele mesmo formulou. Foi uma política que fez o Brasil se projetar como um grande sujeito da política mundial e o próprio Lula como um grande líder internacional.

A guerra na Ucrânia foi um novo teste para essa política. O Brasil condenou a invasão russa da Ucrânia, mas, ao mesmo tempo, rejeitou a proposta dos Estados Unidos e da Alemanha de que o país enviasse armas para a Ucrânia.

Lula tem afirmado que essa seria uma forma de participar da guerra. A posição do Brasil é condenar a guerra e trabalhar para acabar com o conflito. Lula propôs a constituição de um Grupo de Paz, do qual participariam, além do Brasil, China, África do Sul, Índia, entre outros.

Lula colocou em prática uma política internacional extremamente ativa, desde que a devolveu à presidência do Brasil. Esteve com o presidente norte-americano Joe Biden nos EUA, com o primeiro-ministro alemão Olaf Scholz no Brasil, com os presidentes da América Latina na reunião da Celac na Argentina.

O Brasil organizará a Reunião do G20 em 2024, para a qual Lula já convidou o presidente do Uruguai. O Brasil vai receber o presidente da França, Emmanuel Macron, no Brasil. E encontrou-se com o presidente da China, Xi Jinping, em Pequim.

A prioridade da política externa brasileira é a unificação da América Latina e do Caribe, bem como a integração do Sul do mundo. De um lado, fortalecer o Mercosul, a Unasul e a Celac. Para ampliar o processo de integração latino-americana, o Brasil propôs a criação de uma moeda comum sul-americana – o Sur -, com um Banco Central Sul-Americano, para o qual o Brasil colocaria suas reservas como garantia.

Para a integração do Sul do mundo, o Brasil centraliza suas ações no Brics, que tem na aliança com Rússia e China, na luta contra a hegemonia imperial norte-americana e em prol de um mundo multipolar.

Essa política brasileira depende, em parte, das eleições argentinas de outubro deste ano. Se houver continuidade dos governos peronistas, a capacidade de ação do Brasil será fortalecida, principalmente no continente. Se a direita voltar ao governo da Argentina, Lula será buscado pelo novo presidente, mas sem as identidades que teve até aqui.



Emir Sader - Sociólogo. Cientista político. Colunista do Brasil 247, fonte desta matéria. Membro do Conselho Editorial da Revista Xapuri.

JOÃO GUIMARÃES ROSA E O CERRADO

Romulo Andrade

Miguilim apeou para verter água, debaixo de um pau-terrinha. Gavião e urubu arrastavam sombras. Vez em quando a gente ouvia também um gró de papagaio. O cerrado estava cheio de pássaros. No alto da maria-pobre, um não cantava, outro no ramo passeava reto, em quanto cabia: era o alma-de-gato, que vive em visgo de verdes árvores. Saluz e Miguilim saíam num furado, já se escutava o a-surdo de boi. – "Miguilim, pois então aboia, vou mesmo fazer uma coisa só para você ver como é..." Aí, enquanto Miguilim aboiava, o vaqueiro Saluz desdependurou o berrante de tiracol, e tocou. A de ver: – "Eh côl..." "Huuu... huuu..." – e a boiada mexe nos capões de mato.

Manuelzão e Miguilim, Campo Geral

– meios olhos, perante o refulgir, o todo branco.
Acontecia o não fato, o não tempo,
silêncio em sua imaginação.
Só o um-e-outra, um em-si-juntos,
o viver em ponto sem parar, coraçãomente:
pensamento, pensamor.
Alvor. Avançavam parados, dentro da luz,
como se fosse o dia de Todos os Pássaros.

Substância, conto de Primeiras Estórias

Romulo Andrade – Professor. Textos de Guimarães Rosa sobre o Cerrado publicados em sua página Nação Cerratense, no Facebook.

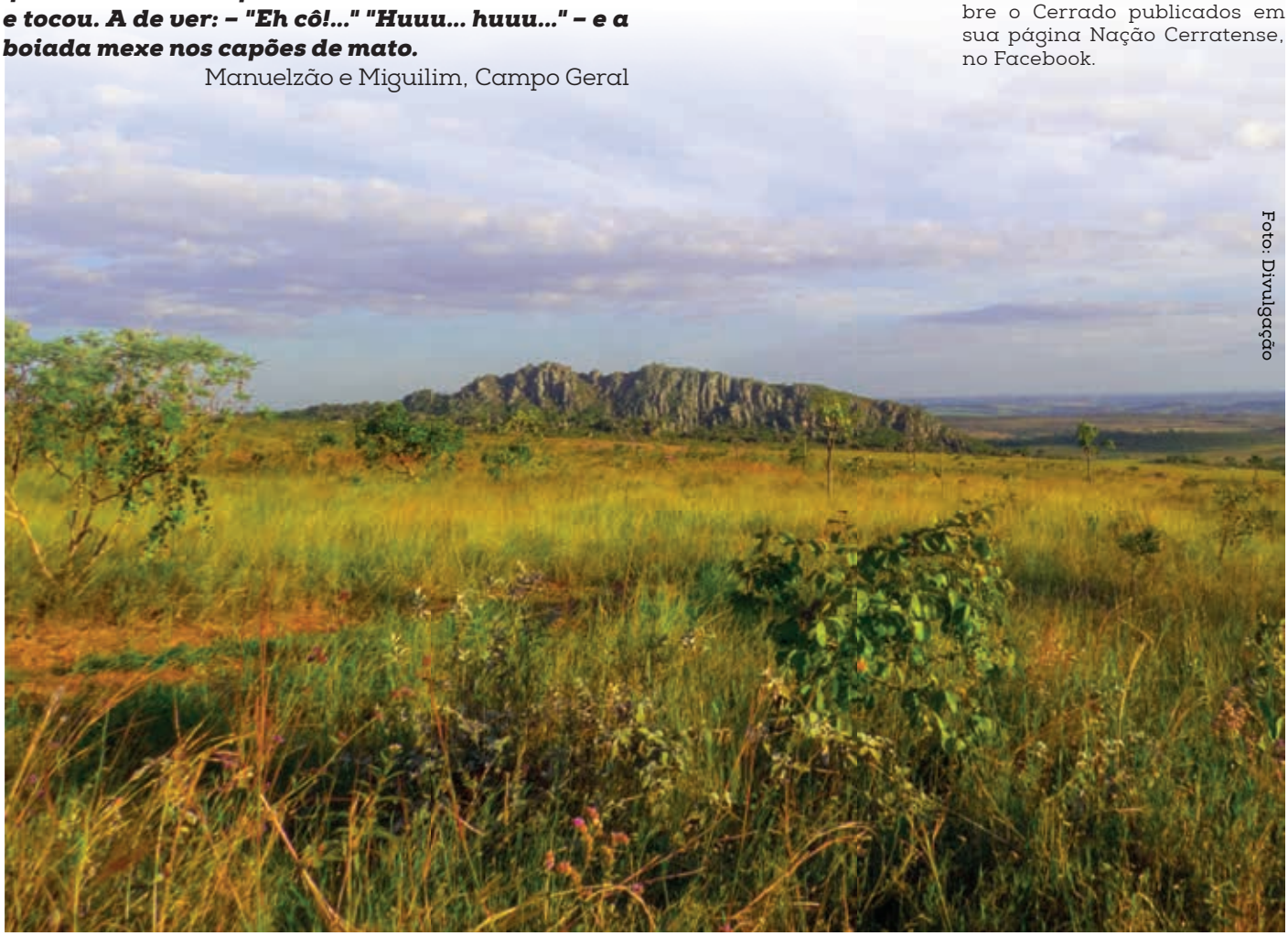


Foto: Divulgação

TECENDO CAMINHOS PARA A IGUALDADE RACIAL

Iêda Leal



O Ministério da Igualdade Racial, em parceria com a Escola Nacional de Administração Pública, lançou, no dia 4 de maio, o FIAR – Formação e Iniciativas Antirracistas, para acelerar a liderança de pessoas negras na administração pública.

Essa estratégia de promoção da igualdade racial será feita, especialmente, com o desenvolvimento de capacidades para o enfrentamento ao racismo na administração pública federal, com produção de dados e com capacitação e formação de servidores.

Além da presença das ministras Anielle Franco e Esther Dweck, o ministro Silvio de Almeida deu uma palestra sobre racismo estrutural, e a promotora de Justiça do MP da Bahia, Lívia Sant'Anna Vaz, realizou uma aula magna sobre políticas de igualdade racial.

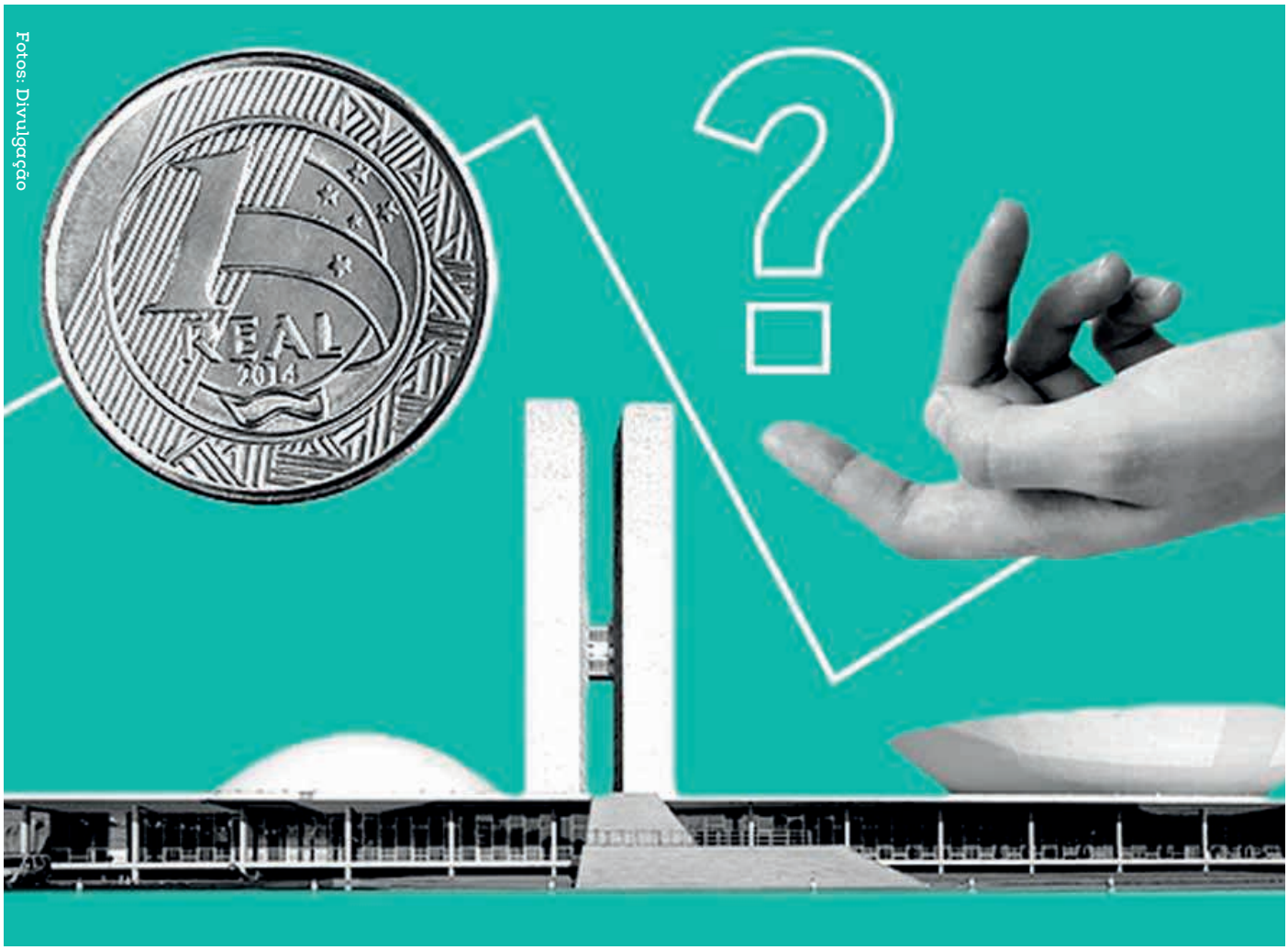
Estamos tecendo caminhos para a Igualdade Racial!



Iêda Leal – Secretária de Combate ao Racismo da CNTE; Secretária de Comunicação da CUT-GO; Tesoureira do SINTEGO; Coordenadora Nacional do Movimento Negro Brasileiro.

REFORMA TRIBUTÁRIA: vem aí a maior batalha dos trabalhadores

Cleiton dos Santos Silva



Fotos: Divulgação

A maior batalha que os trabalhadores travarão nesse próximo período será sobre a reforma tributária. O Brasil é o país com a maior desigualdade de renda do mundo, graças principalmente a um regime de tributação perverso, baseado no consumo, que tira dos trabalhadores e dos mais pobres e transfere para os mais ricos. Quem vive da cesta-básica paga mais imposto do que quem voa de jatinho particular e especula no mercado financeiro.

A guerra na verdade já começou e será disputada em várias etapas. Será ferrenha e extremamente difícil porque o campo de batalha é o Congresso Nacional, onde o governo de frente ampla tem uma base de apoio instável e a maioria, conservadora, vai lutar com todas as armas para defender seus privilégios.

Portanto, há uma única possibilidade de aprovação de uma reforma tributária que seja um instrumento de distribuição de renda em prol do desenvolvimento econômico e aponte para a criação de um Estado de bem-estar social e menos desigual: a participação pra valer dos trabalhadores e de toda a sociedade brasileira.

Os primeiros rounds foram favoráveis. Depois de quatro anos de destruição do bolsonarismo, o novo governo democrático está retomando os programas sociais como Bolsa Família e Minha Casa Minha Vida. Reimplantou a política de valorização do salário mínimo. Isentou de IR quem ganha até R$ 2.640,00 (o objetivo é chegar a R$ 5 mil). E vai enviar ao Congresso nos próximos dias projeto com um novo conjunto de regras para a condução da política fiscal, que sepultará o famigerado "teto de gastos" e permitirá ao Estado ampliar os investimentos em programas sociais e políticas de desenvolvimento que gerem emprego e renda.

A batalha seguinte será a da reforma tributária propriamente dita, que se dará em duas etapas. A primeira criará o IVA (Imposto sobre Valor Agregado) em substituição a cinco impostos (PIS, Cofins, IPI, ICMS e ISS), visando dar racionalidade e simplificar o sistema tributário brasileiro, um dos mais caros, complexos, injustos e ineficientes do mundo. E aqui há um problema que os trabalhadores precisam reverter: o IVA manterá a taxação do consumo tal como hoje, com a população de baixa renda pagando mais.

A segunda etapa visa mudar a tributação da renda com o objetivo de reduzir a desigualdade, incluindo a possibilidade de cashback do imposto - devolução em dinheiro de parte do que foi pago - para as famílias de baixa renda. Essas reformas, segundo o governo, possibilitarão que a economia cresça no mínimo 12% a mais, reduzindo as desigualdades sociais e regionais.

Paralelamente, o governo vem elaborando projetos visando acabar com a evasão fiscal (o fim de subsídios e desonerações a empresas arrecadariam mais R$ 90 bilhões ao ano) e passar a cobrar impostos de novos setores da economia até agora isentos, como as casas de apostas digitais e as empresas estrangeiras de comércio pela internet.

Outra batalha de importância fundamental para os trabalhadores, que ainda não está explicitada nos projetos do governo, é pela tributação sobre as grandes fortunas e pela ampliação do imposto sobre heranças e doações. O que ampliaria a arrecadação em R$ 40 bilhões. E, extremamente importante: revogar a isenção do imposto de renda sobre lucros e dividendos distribuídos, com a implementação de uma nova tabela de alíquotas, o que permitiria uma elevação de arrecadação de quase R$ 180 bilhões.

Por isso a Federação dos Bancários do Centro-Norte (Fetec-CUT/CN) e as entidades sindicais da categoria aderiram à Campanha Tributar os Super-Ricos, lançada pelo Instituto Justiça Fiscal (IJF) e pelo Sindicato Nacional dos Auditores-Fiscais da Receita Federal do Brasil (Sindifisco Nacional), que entre outras propostas defende criar novo imposto para quem ganha acima de R$ 10 milhões (são apenas 0,028% da população) e aumentar de 8% para 30% o imposto sobre heranças e doações.

São reformas essenciais para acabar com a nossa vergonhosa desigualdade e impulsionar o Brasil rumo ao desenvolvimento econômico, com justiça social e democracia.



Cleiton dos Santos Silva – Presidente da Federação dos Bancários do Centro-Norte (Fetec-CUT/CN)

FETEC CUT Centro Norte



Foto: Divulgação

O SEQUESTRO DA UTOPIA

Altair Sales Barbosa

Esta pequena crônica está dedicada a um grande sonhador, Hermes Novais Neto, que anda campeando a utopia pelo vale do rio Corrente, lá pelas bandas onde o Cerrado caprichosamente se mistura à Caatinga, bem pertinho do rio São Francisco. Essa busca ele aprendeu convivendo com as pessoas sábias, fruto de um celeiro inesgotável, que é o vale do Corrente.

Embora à distância, compartilho alguma de suas angústias, mesmo porque não se trata daquela angústia neurótica, mas de uma angústia metafísica, que anda sempre em busca do saber, do conhecimento, pelo simples fato de querer ser mais, não confundir com ter mais e, sim, "ser" mais. Aquela angústia que anda buscando a felicidade e a liberdade, para ser consciente, pois, como dizia o grande mestre Paulo Freire, só há liberdade na consciência.

E, aqui do centro do sertão de dentro, na área "core" do Cerrado, passo também a campear componentes, causas e consequências, para tentar entender a sociedade atual. E, como professor, dirijo também minhas indagações para as universidades brasileiras.

Contam que, certa vez, um pai ficou irritado com o comportamento de seu filho e, como castigo, trancou-o em uma sala. Antes, porém, pegou um mapa geopolítico do mundo moderno, picou-o em pedacinhos, entregou ao filho, dizendo: – Você só sairá desta sala quando montar todo este mapa. Em seguida, trancou a porta, deixando lá dentro seu filho com seu castigo.

Passados alguns minutos, o filho bate à porta chamando pelo pai que se espantou ao entrar na sala e ver o mapa todo montado. O pai, então, com um misto de curiosidade e satisfação com a esperteza do filho, indagou: – Como conseguiu resolver tão rápido o castigo que te dei?

O filho então, com ar de orgulho, respondeu: – simples, meu pai, e, virando o mapa, mostrou que do outro lado da página havia a figura de um homem. Ele então explicou ao pai que simplesmente montou a figura do homem.

O pai ficou por um instante pensativo, depois concluiu: – É verdade, conserta o homem que consertará o mundo. E, por muito tempo, essa história foi contada nos quatro cantos da Terra. Eu mesmo a contei em alguma de minhas aulas, hoje confesso que estava completamente enganado.

Porque o conhecimento da realidade me ensinou que o "homem novo", se forma numa sociedade nova e sadia, sendo o contrário também verdadeiro, ou seja, uma nova sociedade sadia surge com a interação constante de homens novos, com novas mentalidades, cidadãos conscientes, livres e responsáveis, pois se trata de um processo dialético.

O FENÔMENO DA SOCIALIZAÇÃO

É uma ilusão tentar desprezar as interferências dos mecanismos sociais



na formação de cidadãos conscientes, livres e responsáveis. Este fenômeno é conhecido como socialização e pode ser entendido como um processo dinâmico através do qual o Homem se transforma num ser social.

Quatro são os pilares básicos nos quais esse fenômeno se apoia: a Família, a Escola, a Igreja e os Grandes Meios de Comunicação de Massa, incluindo os Sistemas Cibernéticos.

Atualmente, a crescente desestruturação da família, causada por problemas de ordem econômica, ideológica, e pelas imposições do mundo contemporâneo, contribuem para que, a cada dia que passa, ela exerça cada vez menos seu papel socializante.

As escolas, tanto as fundamentais como as básicas e as superiores que, por algum tempo eram tidas como continuadoras da família, há muito deixaram de exercer essa função, mergulharam num pântano de lodo mal cheiroso e movediço que suga a criatividade e faz seus dirigentes adotarem uma dança macabra, como se fossem fantasmas, diante de imposições ainda mais fantasmagóricas.

Os professores não conseguem a motivação necessária para transmitir o conteúdo. Isso acontece porque o conteúdo não traz novidade e não é mais motivador. Grande parte dos alunos já conhece, por outros meios, o que lhe será transmitido. A aula dentro da sala perde, então, o interesse e o sentido.

A escola que outrora se constituía num ponto de encontro para se fazer amizades, trocar ideias e aprender novidades, não é mais nada disso. Hoje, as redes sociais desempenham esse papel.

A maior parte das escolas básicas e fundamentais carece de pátios para brincadeiras, não tem bibliotecas, muito menos equipamentos para dinamizar uma aula. E, sequer de longe, pode-se mencionar que não possuem laboratórios. Isto é muito luxo, para quem acha que o ensino não necessita de experiências.

Os professores se sentem desmotivados não só pela remuneração. Aliás, para quem nunca ministrou uma aula, pode-se afirmar que não há na terra tarefa mais exigente, responsável e cansativa.

Porém, também se sentem desmotivados, porque não são mais respeitados pelos alunos. As associações sindicais de pais de alunos, apoiadas pelos meios de comunicação sensacionalistas, são capazes de levar um professor à "Justiça" se este, no intuito de impor a disciplina, alterar um pouco a sua voz na sala.

Aliás, por falar em disciplina, as escolas hoje em dia são vigiadas por policiais, porque viraram pontos de compra, venda e consumo de alucinógenos. A falta de perspectivas faz o aluno buscar esses caminhos. Por isso e muito mais, a escola tal qual a família não faz corretamente o papel de socialização e formação de cidadãos.

O terceiro elemento fundamental na tarefa de socializar é a Igreja. Entretanto, com a materialização crescente dos princípios sociais, norteados pela bandeira maior do capitalismo que estampa o consumismo e, ainda, com a deturpação da doutrina básica do Cristianismo, doutrina esta mutilada pelo economicismo, de que muitas seitas lançam mão para sobreviverem, enriquecerem e criarem impérios, faz com que haja a disseminação da descrença.

E, quando esta não vem, em seu lugar surgem o fanatismo e a alienação, que podem ser considerados a encarnação da própria escravidão. Portanto, se a família não cumpre adequadamente o papel de socializar, a escola e a igreja, atualmente, o fazem muito menos.

Quem desenvolve com eficiência o papel de socialização e formação das mentes na sociedade brasileira são os Grandes Meios de Comunicação de Massa. Esses veículos, com uma força avassaladora, modelam os hábitos da sociedade brasileira, mudam horários de eventos tradicionais, de acordo com seus interesses, transformam em artistas os que não são, fazem o povo cantar músicas alienantes e depressivas, visando a irradiação da mediocridade, porque, quanto mais medíocre e sem consciência crítica fica o ser humano, também se torna mais fácil aceitar programas banais, com altos índices de audiência etc.

Assim, esses Meios vão contribuindo para a formação de cidadãos doentes, agressivos, neuróticos, depressivos e miseráveis globalmente. Uma vez submetidos às condições desfavoráveis, esses seres se deixam dominar sem outra reação qualquer que a do conformismo, ante sala da alienação.

A UTOPIA SEQUESTRADA

Esse, de modo geral, é o tipo de sociedade que compartilhamos atualmente. Não há solidariedade, não há valor pela vida, não há exemplos de honestidade, e a corrupção, qual cavalo selvagem, campeia relinchando pelas campinas gra-

mináceas. Assim, convivendo com esses exemplos, a utopia da construção de uma sociedade sadia se torna cada vez mais longínqua.

Por sua vez, o Estado brasileiro, ao longo de algumas décadas, através do Ministério da Educação (MEC), sem criatividade e talvez sem a competência necessária, cria a todo instante mecanismos autoritários, repressores, restritivos, que só reforçam a situação atual refletida pela sociedade brasileira.

Movidos pela ideia errônea de que povo culto é aquele que tem diploma universitário, vêm cometendo erros imperdoáveis, permitiram a criação de cursos universitários sem qualidade e a multiplicação desenfreada das faculdades pegue-pague.

Buscando corrigir essas distorções monstruosas que foram criadas, o MEC tem lançado mão de instrumentos ineficazes e inoperantes, que ao invés de corrigirem as falácias, colocam numa mesma caixa vazia de bombom todas as Instituições de ensino superior, sem considerar suas peculiaridades, sua história, seu contexto, a importância e a vocação regional de cada uma.

Ao proceder dessa forma, o MEC intervém de uma maneira nunca vista na história do autoritarismo brasileiro, impedindo o crescimento de instituições tradicionais, restringindo suas tarefas de pesquisa, que é o fundamento da existência da própria universidade, impedindo suas ações inovadoras e criativas, uma vez que as obriga a vestirem uma camisa de força para cumprirem, sem reclamar, as equivocadas exigências do Ministério.

O sistema avaliativo atualmente implantado para aferir as Instituições de Ensino Superior, quer seja através dos alunos, quer seja avaliando a própria instituição, está cheio de contradições e não se baseia num alicerce teórico sólido, que consiga expressar a real situação institucional. Isso porque não se toma em consideração a inserção social da Instituição avaliada, sua participação na formação da realidade regional, sua vocação, sua missão, tampouco a história e os contextos.

A impressão que fica é que essas ideias absurdas parece que, de repente, brotam da cabeça de pessoas que se julgam geniais, cujo trabalho se desenvolve em um cubículo cercado por quatro paredes, distante da realidade do território brasileiro, que é um continente, com inúmeras diferenças regionais, refletidas nas atividades econômicas, sociais e culturais, permeadas por uma diversidade ambiental de grandeza e significados incomensuráveis.

Esses sistemas de avaliação nos remetem ao episódio em que Charles Darwin foi avaliado pelo conselho de classe do Colégio no qual estudava. Na ocasião, o reitor daquele Colégio expressou: "Trata-se de um péssimo aluno, não gosta das aulas de canto e chega a chorar quando tem que assistir e participar das aulas de balé. Seu negócio é observar as mariposas pousarem nos troncos das árvores. Parece um desajustado!".

Em tempo: foi observando as mariposas que Darwin criou o conceito de mimetismo, que culminaria na ideia de seleção natural e evolucionismo, fundamentos que revolucionaram o pensamento humano.

Da mesma forma que o MEC está enganado e deve rever seus processos avaliativos, a Capes e o CNPq deveriam revisar seus conceitos de pesquisa e não deixar que esses conceitos que brotam em cabeças de burocratas se transformem em obstáculos para o desenvolvimento dessas atividades no seio das verdadeiras universidades brasileiras. Para quem sempre cantava ou canta as canções de Vandré, é sempre oportuno recordar o que este compositor e poeta diz em uma de suas músicas: "Não vai falar de amor quem nunca soube amar".

Isso se aplica a diversas áreas de atuação. Não pode traçar diretrizes para a educação ou para a pesquisa quem nunca foi educador ou pesquisador. Se insistir nessa tecla, poderá ser criada uma teia complexa de instrumentos impeditivos.

A missão de ser professor e ou pesquisador é tarefa que exige vocação e aptidão, associada ao conhecimento, é claro. Tentar relacionar a titularidade de doutor a pesquisador é uma atitude semelhante ao do reitor daquele mencionado colégio, querendo transformar Charles Darwin num dançarino de balé.

Se as autênticas universidades brasileiras tivessem voz, talvez de forma uníssona, elegeriam uma representante que expressaria da seguinte forma:

Eu sou a velha universidade brasileira, não no sentido restrito da cronologia. Aliás, com relação à idade, comparativamente, sou até jovem. Sou velha nas estruturas, a osteoporose me corroeu paulatina-



Foto: Divulgação / Enersto Faria

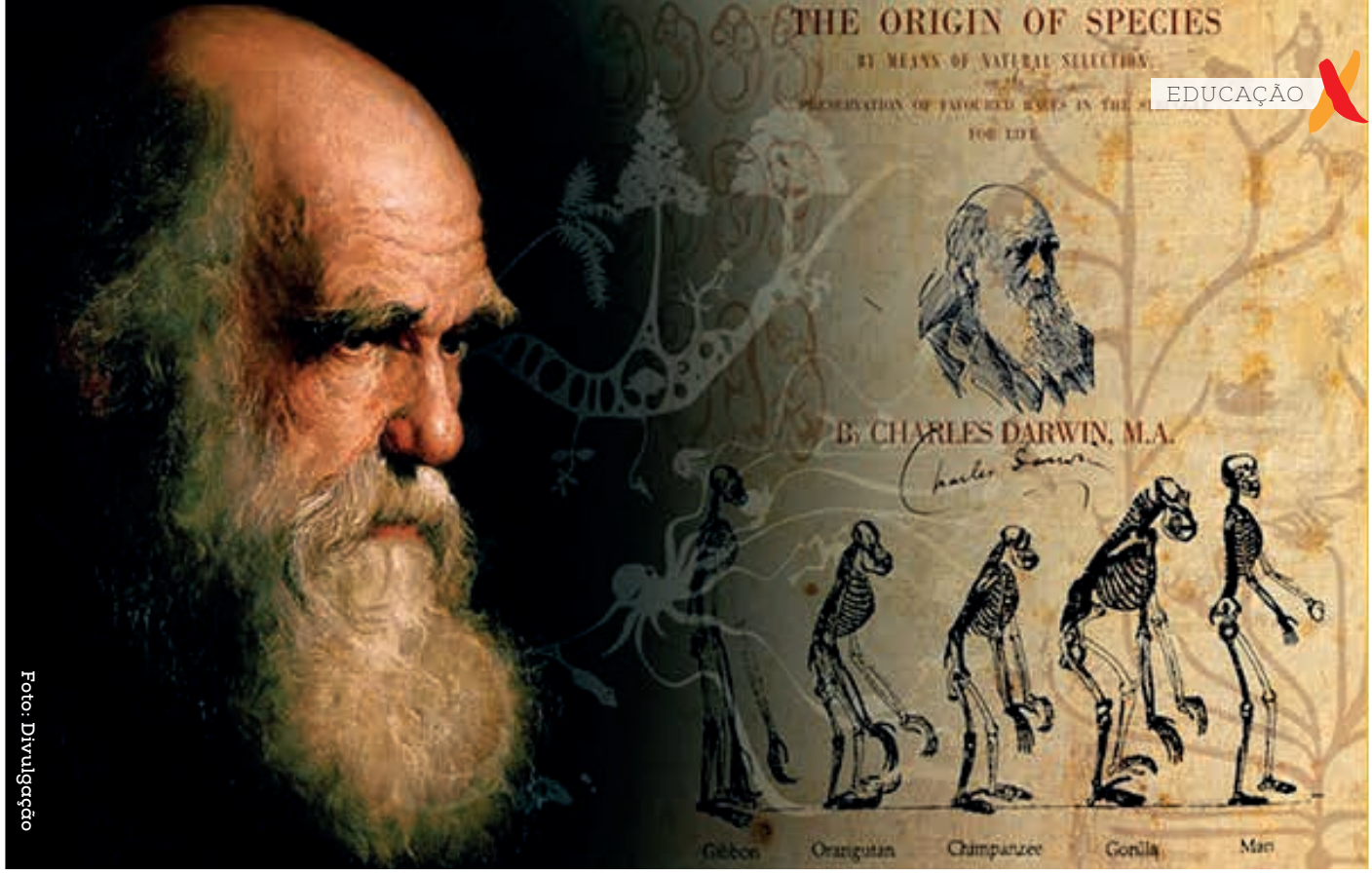


Foto: Divulgação

mente de tal sorte, que mal consigo ficar em pé sozinha. Na realidade, ninguém sabe ao certo a minha idade, uns dizem que meus ancestrais nasceram na Idade Média, outros que foi na Renascença, mas poucos se lembram de que já no século XI um árabe, Ibn Batuta, criou a Universidade do Niger em Timbuctu, para conhecer o mundo, os povos do mundo e a história do mundo.

Seja lá de onde eu venho, fui transplantada para o Brasil, sem levar em consideração as vocações desta terra. Hoje percebo que minha adaptação não foi boa e de longe deixei de cumprir minhas finalidades. No meu seio, existem os falsos educadores, que enfraquecem a boa visão dos autênticos.

Existem também os arrogantes e falsos cientistas, que por inveja e tantas críticas, inibem a criação de alguns poucos estudiosos e pensadores. A grande maioria dos professores se encontra em posições cômodas; para essas pessoas, não é necessário mudar a rotina do dia a dia que, de tantos dias, vira rotina de décadas. Essa situação cria um comodismo tão grande e uma miopia extraordinária, que nem sequer permitem enxergar, e muito menos imaginar, que outro modelo de universidade mais dinâmico e interdisciplinar é possível.

Agora vejam, eu que sou o universo da diversidade, que nasci para criar e inovar, constato hoje que, com raríssimas exceções, as últimas inovações e criações científicas e culturais não surgiram dentro de mim. Isso ocorre porque me transformaram num grande supermercado para vender ou distribuir "enlatados"; esta tem sido a minha maior função nos tempos de hoje.

As amarras em que me encontro nem sequer permitem que os meus agentes de boa vontade possam aprender a processar esses "enlatados", ou seja, misturando ou relacionando uns com os outros, para produzir ao menos um "enlatado" novo.

O tipo de ensino que percorre as minhas veias é tão ultrapassado que sinto pena dos meus professores e dos meus alunos, ambos bombardeados pelas incontáveis informações controvertidas e às vezes maldosas da multimídia. O professor, coitado, sem novidade para ensinar, propicia que as salas de aulas se transformem em espaços vazios. Os alunos, mal começa o semestre, já ficam torcendo para este terminar.

As amarras não permitem a estimulação da pesquisa, que é o alicerce da criação. O pesquisador, aquele raro profissional que insiste em produzir sua própria comida, mesmo que seja num pequeno fogareiro, é sempre visto ou mal visto como algo estranho. Seus discursos e lamentos raramente encontram ressonância e de tanto repetirem a mesma ladainha, muitos se acomodam. Sinto muita pena deles e classifico esta situação como "a erosão do potencial humano".

Muitos dizem que não estimulam ou desenvolvem a pesquisa, durante o espaço da aula, por falta de laboratório. No entanto, se o professor tiver domínio completo do assunto, com um pouco de criatividade e de materiais colhidos nos meus corredores, pode perfeitamente transformar sua sala de aula tradicional num laboratório, ou sair até os pátios e ruas e transformá-los em vários laboratórios. O importante nesta relação é o domínio do conhecimento, temperado com uma dose de criatividade.

Mas nem isso o gesso no qual me jogaram permite. E assim, a noite continua, mas vamos continuar a busca pela utopia, embora o amanhecer esteja demorando, precisamos trabalhar, está sendo muito longa e penosa esta noite, mas temos a esperança de que alguma coisa nova esteja escondida, logo ali, depois da curva do rio.



Altair Sales Barbosa - Sócio Emérito do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás. Pesquisador do CNPq. Pesquisador Convidado da UniEVANGÉLICA de Goiás. Primeiro Conselheiro da *Revista Xapuri*.



"AS PESSOAS NÃO MORREM,
APENAS FICAM ENCANTADAS."

RITA LEE: PRESENTE!



Fotos: Divulgação

EL MALECÒN, POÉTICA TRINCHEIRA!

Antenor Pinheiro, especial de Havana, Cuba

El Malecón, esplanada de concreto construída entre 1901 e 1958 ao longo de oito quilômetros entre o porto de Havana e o festejado bairro Vedado. Contenção das águas nervosas do Caribe, a secular trincheira simboliza resistência – o lugar romântico, histórico e charmoso da bela cidade.

"... quero respirar Havana,
recuperar o mistério de minha vida.
Ver as luzes e a maresia do malecón
bicando as pedras do calçadão..."
(Magali Alabau, 1945)

Hoje fito El Malecón mais que a uma bela imagem! Os cristais de suas águas soltos no ar são a cortesia revoltosa de ventos caribenhos a lhe impor o beijo de ondas velozes na face de sua beirada maciça. Erigida por mãos humanas para que contida fosse a volúpia crescente de rugas de águas formadas ao longe, conduzidas por febris correntes marítimas contra suas beiradas, el malecón tornou-se moldura da natureza. Sua cumplicidade com o romance e as lutas de seu povo fez-se "lugar", irradia afeto, poesia e sentimento de heroica resistência. E quando a lua se aproxima, soerguem as marés próximas de suas franjas rumo ao céu, ainda que não lhe furte a alagadora umidade de gotículas voadoras lindamente excitadas – agora o sei!



Antenor Pinheiro – Geógrafo. Membro do Conselho Editorial da *Revista Xapuri*.

GREVE DA EDUCAÇÃO



IBAN
ESTA



Professores e orientadores educacionais do DF estão em greve. O motivo é o descaso do governador Ibaneis Rocha com a educação pública.

São 8 anos sem reajuste salarial. Em 2015, o vencimento básico da categoria do magistério estava mais de 100% acima do Piso Nacional do Magistério. Hoje, pela primeira vez na história do DF, a capital do Brasil paga à categoria remuneração abaixo do Piso, ou seja, menos do que determina a lei.

Além disso, professores e orientadores educacionais, bem como toda a comunidade escolar, vêm sofrendo com problemas graves na educação pública do DF. Entre eles, violência, dificuldade de acesso às escolas e salas de aula superlotadas, que geram condições inadequadas de aprendizagem, sobretudo para estudantes com deficiência.

A educação pública é garantida na Constituição Federal, além de ser considerada direito humano. A qualidade de sua execução – ou a ausência dela – impacta diretamente na construção do DF e do mundo que queremos. Por isso, é urgente que toda a sociedade apoie a greve da educação e se some à luta, que é de todos e de todas nós.

SINPRO DF
SINDICATO DOS PROFESSORES NO DISTRITO FEDERAL

Filiado: CUT CNTE



CUT BRASIL
CNTE



NEIS, A SAÍDA
Á EM SUAS MÃOS!

BASTA DE
DESCASO
COM A EDUCAÇÃO




PROFESSORES E ORIENTADORES EDUCACIONAIS
EM GREVE!
GREVE
GREVE
GREVE

COLETIVO VARADOURO:
SEMENTES DE RESISTÊNCIA NO CORAÇÃO DA FLORESTA

Marcos Jorge Dias



"Chico Mendes não errou quando escreveu o bilhete às e aos jovens do futuro". Com essa frase Layane Costa dos Santos (30) abriu as falas da juventude do Coletivo Varadouro, formado por jovens representantes dos municípios de Assis Brasil, Brasileia e Xapuri, região do Alto Acre, na fronteira com a Bolívia e o Peru, na reunião do Conselho Deliberativo da Reserva Extrativista Chico Mendes, em Rio Branco, capital do Estado, no último dia 4 de maio.

Varadouro é como os povos da floresta chamam os caminhos que percorrem dentro da mata. Não por acaso, esse era o nome de um jornal alternativo de Rio Branco que, na década de 1980, dava publicidade e voz a Chico Mendes e às denúncias sobre os crimes que aconteciam na região. Segundo Layane, o nome Varadouro foi escolhido como forma de valorizar e reafirmar o sentimento de pertencimento ao território no qual nasceram, vivem e que estão se colocando na luta para defender.

Criada no leite da castanha, amamentada na luta, ela tem a mãe (Francisca Bezerra, atual presidente do STR/ Brasileia) como espelho e modelo de coragem e resistência. Agora, com um discurso aprumado, linguagem simples e moderna, no mesmo

patamar de Greta Thunberg (sueca conhecida mundialmente por ser a líder do movimento Greve das Escolas pelo Clima), Layane não fica por menos. Sua voz ecoa da floresta para o mundo.

SEM PERDER A TERNURA JAMAIS

"Tem dias que dá vontade de fechar a associação e jogar a chave fora". Assim o jovem presidente da Associação de Moradores da Reserva Chico Mendes em Assis Brasil, Wendel Araújo (28), externou seu sentimento de frustração para a plateia reunida no auditório da Universidade Federal do Acre (Ufac), composta pelo Conselho Deliberativo da Resex, servidores e servidoras do IBAMA/ICMBio, representantes de ongs, agências financiadoras, lideranças da Resex e jornalistas.

Com olhar firme e direto, a fala de Wendel, neto de seringueiro e filho de trabalhador rural, reflete as dificuldades pelas quais as associações de moradores da Reserva Chico Mendes têm passado desde que um governo antifloresta acabou com as estruturas de controle e fiscalização na Resex, deixando "passar a boiada". Aqui na Associação, nos últimos anos "a gente ficou igual porteira que leva porrada todos os dias".

Participar do Coletivo Varadouro, segundo Wendel, é sentir que não está só na defesa do seu lugar de viver e ser feliz. Quando falou do seu compromisso com a luta e da alegria pelo coletivo de jovens conquistar um assento no Conselho Deliberativo, as lágrimas inundaram seus olhos. Uma emocionante demonstração de que a resistência dos seringueiros continua forjando titãs e seguindo a frase atribuída ao argentino Che Guevara: "Hay que endurecerse, pero sin perder la ternura jamás".

O anfiteatro da Ufac estava em silêncio ouvindo os jovens do Coletivo Varadouro que externavam seus sentimentos pela recente conquista do assento no Conselho Deliberativo, reivindicação feita em muitas reuniões dos moradores da Resex e nas quais a participação da juventude sempre era cobrada.

A porta lateral, à esquerda do palco, foi aberta e um jovem de cabelos encaracolados, jeans, camiseta, tênis, mochila no ombro, celular na mão, adentrou o auditório se dirigindo diretamente para o palco onde os outros jovens estavam à mesa.

Não se diferenciava de quaisquer outros jovens que frequentam os shoppings centers do mundo ou dos universitários que transitam nos corredores da Universidade. Um típico representante da Geração Z (definição sociológica para pessoas nascidas entre 1995 e 2010), com um certo olhar arrogante, perfeitamente aceitável quando se é jovem.

Sua apresentação enquanto membro do Coletivo Varadouro foi direta, objetiva. "Sou André Maciel (21), morador da Reserva extrativista Chico Mendes, no município de Brasileia". Lembrei que já o tinha visto em uma Oficina de Defensores populares de Direitos Humanos e mais recente no Instagram, no acampamento Terra livre, em Brasília.

André Maciel é um desses jovens moradores da Reserva, antenado com seu tempo, globalizado e com um profundo sentimento de pertencimento aos seu território, onde mora com os pais, no Seringal Amapá, colocação Boa Vista, BR 317, km 59 em direção ao município de Assis Brasil.

Filho do extrativista, repentista e poeta Anacleto Maciel, os dois têm projeto de consolidar a "Trilha Chico Mendes", um atrativo/empreendimento turístico para gerar renda, fixar os jovens na Reserva e preservar a floresta em pé. Nada mais moderno e coerente da parte de quem tem militado na defesa do meio ambiente, como é o caso do "seu Anacleto".

Ao finalizar sua fala, André usou palavras contundentes para se dirigir aos representantes do ICMBio. "Vocês precisam lembrar que foi a luta dos nossos antepassados que fez com que a Reserva fosse criada, para nós vivermos nela". Nada mais revolucionário que enfrentar o poder público constituído.

O CAVACO NÃO VOA LONGE DO TOCO

O Município de Xapuri sempre foi um celeiro de resistência. Em sua luta, Chico Mendes agregou muitos companheiros, dentre eles o primo Raimundão, que foram imprescindíveis na continuidade dos seus ideais, após o tiro que lhe tirou a vida, em 22 de dezembro de 1988.

Sua incansável batalha pela preservação ambiental e sua relação de amor com a natureza, com sua colocação Rio Branco no Seringal Floresta, onde vive, não passaram despercebida da sua filha caçula, Raiara Barros (19), uma das componentes do Coletivo Varadouro.

Desde pequena (algumas vezes escondida atrás das compridas pernas do Raimundão), Raiara sempre acompanhou o pai nas reuniões do Sindicato, da Associação, na Câmara Municipal (quando foi vereador), e foi observando, escutando e aprendendo. Política, começou sua fala pedindo à benção aos ancestrais e aos mais velhos que ali estavam presentes, fazendo a resistência até os dias atuais. É como dizem os mais antigos: "o cavaco não voa longe do toco".

Assim é que, por meio do Coletivo Varadouro, uma nova safra de sementes brota na floresta e um novo modelo de gestão compartilhada está sendo desenhado pelos e pelas jovens do futuro, a quem Chico Mendes chamou para fazer a revolução e que hoje se fazem presentes na condução dos destinos da Reserva Extrativista Chico Mendes, sua morada no coração da floresta.



Marcos Jorge Dias - Escritor e poeta acreano. Membro do Conselho Editorial da *Revista Xapuri*.

ANCIÃ NAKWATXA AVÁ-CANOEIRO ENCANTA-SE DIAS DEPOIS DA HOMOLOGAÇÃO DE SUA TERRA

Maria Letícia Marques e Samuel Leão



A anciã Nakwatxa, idade estimada de 78 anos, uma das últimas cinco sobreviventes da etnia Avá-Canoeiro em Goiás, faleceu no último dia 4 de maio, no Hospital do Centro Norte Goiano (HCN), em Uruaçu, Goiás. Nakwatxa havia sido internada no HCN dias antes, pra se tratar de um câncer.

Segundo informações do Hospital, tudo foi feito para que Nakwatxa realizasse o tratamento em um ambiente acolhedor. Foi substituído o leito médico por uma rede, para que ela se sentisse mais próxima de casa. Foi feita uma tentativa de adaptação da dieta e parentes, dois sobrinhos, puderam ficar com ela o tempo todo.

Em nota lamentando o encantamento de Nakwatxa, o HCN informou, também, que a equipe médica chegou a cogitar a montagem de uma fogueira do lado de fora de seu quarto, para que ela pudesse realizar seus rituais de comunicação espiritual, praticados não só pelo povo Avá-Canoeiro, mas pela grande maioria dos povos originários de tronco Tupi. Infelizmente, não deu tempo.

QUEM SÃO OS AVÁ-CANOEIRO?

Nakwatxa era sobrevivente de uma das três etnias que habitam hoje o estado de Goiás: os Karajá, que possuem um subgrupo chamado de Javaé, os Tapuio e o povo Avá-Canoeiro.

Couto de Magalhães, presidente da então Província de Goiás, por volta de 1863, teve contato com esse povo nativo e registrou a origem do nome pelo qual são chamados: "Têm esse nome por se terem tornado célebres os seus ataques contra os navegantes do (rio)

Maranhão, a quem acometiam em levíssimas ubás e com agilidade tal, que chegavam sem ser pressentidos, retirando-se sem sofrer dano", relatou.

Já o "Avá" veio posteriormente, como um etnômio, ou seja, uma descrição própria da etnia ao que é o ser. Na língua tupi-guarani significa exatamente gente, pessoa, humano. Do mesmo modo, outras etnias se autodenominam utilizando um etnômio. Os Xavante, por exemplo, atendem por A'uwê Uptabi, significando "gente de verdade" ou "pessoa real".

Eles também são conhecidos, sobretudo na região do médio Araguaia, pelo apelido de "caras-pretas", em referência à pintura que utilizam, respingando jenipapo ou outras fontes de tintura negra no rosto.

Com o encantamento de Nakwatxa, os Avá, que já foram centenas, mas, por conta perseguições e massacres, contam hoje com apenas alguns (entre 5 e 8) sobreviventes, divididos entre os estados de Goiás e Mato Grosso, segundo dados da Secretaria Especial de Saúde Indígena (Sesai) e do Sistema de Informações da Atenção à Saúde Indígena (Siasi).

Em certo momento, eles chegaram a matar e evitar bebês, pela dificuldade em conseguir comida e também pelo barulho dos mesmos, que denunciaria a localização e o esconderijo deles aos caçadores e fazendeiros.

A DURA JORNADA DOS POVOS ORIGINÁRIOS EM GOIÁS

A antropóloga Poliene Bicalho relata o cenário vivido pelos remanescentes dos povos indígenas em Goiás, um dos estados mais ocupados pelo agronegócio no país, onde etnias passaram por êxodos e massacres.

"Nakwatxa era uma das sobreviventes dos vários massacres sofridos por seu povo desde a intensificação do processo de colonização pelo interior do Brasil, a partir do final do século XVII. O povo Avá sempre resistiu arduamente ao contato, e por isso a violência do colonizador e as guerras de resistência sempre estiveram presentes como práticas comuns nas relações entre a etnia e os não indígenas.

Nos séculos XIX e XX, com a intensificação das fazendas de criação de gado, a agricultura intensiva e a estruturação de barragens – como o represamento das águas do rio Tocantins para a criação da Usina Hidroelétrica de Serra da Mesa, no município de Minaçu (GO), que invadiu uma grande parcela do território Avá – esse povo vivenciou mais experiências de sofrimento, agressões e violências.

Nakwatxa perdeu o pai e muitos outros parentes, o que levou o seu povo a ser reduzido a pouco mais de seis pessoas. Com a sua morte, o grupo fica ainda menor, e a iminência da extinção aumenta. O desaparecimento é uma experiência traumática para a memória e a história de uma nação, por se tratar de um pouco da população, dos brasileiros, que se esvai e deixa de existir.

O sofrimento do Povo Avá é secular, causado pela ganância e sede desenfreada de enriquecimento de alguns poucos, às custas de vidas humanas, de perdas culturais e linguísticas irreparáveis. Infelizmente o Estado brasileiro tem grande parcela de culpa, principalmente pela morosidade com que trata um dos aspectos essenciais à sobrevivência de um povo: a demarcação de suas terras.

Ironicamente, Nakwatxa morre dias depois do atual governo finalizar o processo de demarcação do território Avá, que teve seu início na década de 1970. Que Nakwatxa possa finalmente descansar em paz e que os sobreviventes desse povo guerreiro e sofrido também, em seu território agora demarcado, finalmente! Ah, e que o povo brasileiro aprenda um dia a reconhecer os seus de verdade".

A HISTÓRIA DE RESISTÊNCIA DO POVO AVÁ-CANOEIRO

Após décadas de silêncio e tentativas de apagar a cultura do povo Avá-Canoeiro, a Comissão da Verdade (2014) expôs toda a violência do Estado para com os povos indígenas, durante a Ditadura Militar. Constam nos documentos da comissão relatos orais de indígenas vítimas da brutalidade do período ditatorial.

A população foi reduzida pelo massacre, foram oprimidos ao extremo e sofreram violentas intervenções militares com a premissa de uma possível integração dos indígenas na sociedade.

O contato forçado resultou em lamentáveis perdas para os Avá-Canoeiro, que resistiram bravamente contra a tentativa de genocídio. Nakwatxa foi uma das sobreviventes desse massacre. Ela resistiu com seu povo até os dias atuais, fugindo para lugares remotos e de difícil acesso.

Os detalhes minuciosos e cruéis que, infelizmente, tecem a História do Brasil, jamais devem ser esquecidos. Por mais dolorosa que seja, essa memória deve persistir, Nakwatxa sempre será um símbolo de força e resistência originária.

A HOMOLOGAÇÃO DA TERRA INDÍGENA AVÁ-CANOEIRO

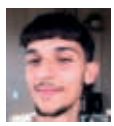
Os cerca de 38 mil hectares da Terra Indígena Avá-Canoeiro, situados entre os municípios de Minaçu e Colinas do Sul (GO), foram homologados pelo Presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), no último dia do 19º Acampamento Terra Livre, em Brasília (DF), no dia 28 de abril de 2023.

A Terra Indígena da anciã Nakwatxa foi uma das seis terras indígenas homologadas pelo Presidente Lula. O território havia sido demarcado pela Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai), em 1996, porém apenas agora, neste Abril Indígena do ano de 2023, o processo de homologação foi concluído.

A homologação da TI Avá-Canoeiro, que foi postergada por anos, agora se torna uma conquista para este povo, infelizmente às portas da extinção. Esta ação demonstra a consciência do governo da necessidade de reparação histórica e garantia dos direitos indígenas.



Maria Letícia Marques – Funcionária da Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai). Voluntária da *Revista Xapuri*.



Samuel Santos Leão e Silva – Jornalista. Colunista voluntário da *Revista Xapuri*.



"AS PESSOAS NÃO MORREM,
APENAS FICAM ENCANTADAS."

MARCELO ZELIC: PRESENTE!

DA FOGUEIRA AO ALTAR

Eduardo Galeano

Neste dia [30 de maio] de 1431 uma jovem de dezenove anos foi queimada viva no velho mercado de Rouen.

Ela subiu ao cadafalso com um enorme gorro, onde estava escrito:

Herética,
Reincidente,
Apóstata,
Idólatra.

Depois de queimada, foi atirada no rio Sena, do alto de uma ponte, para que as águas a levassem longe.

Ela havia sido condenada pela Igreja Católica e pelo Reino da França.

Se chamava Joana d´Arc.

Ouviram falar?



Eduardo Galeano (1940 – 2015) – Escritor, em *Os Filhos dos Dias*, Editora L&PM, 2ª edição, 2012.



NO 19º ACAMPAMENTO TERRA LIVRE, GOVERNO LULA DEMARCA SEIS TERRAS INDÍGENAS

Zezé Weiss

O sol amanheceu esplendoroso no 28 de abril, último dia do 19º Acampamento Terra Livre, instalado, desde 24/04, na Praça da Cidadania, ao lado do Teatro Nacional, na Esplanada dos Ministérios, em Brasília.

Sobre o chão barrento da chuva que assolou o ATL ao final da tarde do dia anterior, milhares de lideranças indígenas, mais de seis mil, segundo dados da Apib (Articulação Nacional dos Povos Indígenas), disputavam lugar na fila com dezenas de não indígenas, para assistir à cerimônia de encerramento do ATL, realizada, no final da manhã, com a presença do presidente da República. Luiz Inácio Lula da Silva.

Havia, naquele momento, muita razão para celebrar. Em um dia de vitória para os Povos Indígenas, o presidente Lula assinou o decreto de homologação de seis Terras Indígenas: TI Arara do Rio Amônia (AC); TI Cariri-Xocó (AL); TI Rio dos Índios (RS); TI Tremembé da Barra do Mundaú (CE), TI Uneiuxi (AM) e TI Avá-Canoeiro (GO). A última homologação de Terra Indígena havia ocorrido em abril 2018, antes das eleições presidenciais, com a homologação da TI Baía do Guató, de 20 mil hectares, localizada no município de Barão de Melgaço, no Mato Grosso.

Uma das áreas demarcadas em 28 de abril, a Avá-Canoeiro, com Portaria Declaratória datada de 1996, viu sua diminuta população estimada (entre nove e seis habitantes) reduzida a menos de uma semana da tão esperada demarcação. Nakwatxa, anciã de 78 anos, faleceu em um hospital de Uruaçu, Goiás, no dia 4 de maio de 2003.

TI	POVO	POPULAÇÃO	ÁREA (HA)	MUNICÍPIO/ ESTADO	BIOMA	PORTARIA DECLARATÓRIA
Arara do Rio Amônia	Arara	434	20.534	Marechal Thaumaturgo - Acre	Amazônia	2009
Kariri-Xocó	Kariri-Xocó	2.300	4.694	Porto Real do Colégio e São Braz - Alagoas	Caatinga e Mata Atlântica	2006
Rio dos Índios	Kaingang	143	711	Vicente Dutra – Rio Grande do Sul	Mata Atlântica	2004
Tremembé da Barra do Mundaú	Tremembé	580	3.511	Itapipoca – Ceará	Caatinga	2015
Uneiuxi	Maku-Nadëb	249	551.983	Santa Isabel do Rio Negro e Japurá – Amazonas	Amazônia	2006
Avá - Canoeiro	Avá-Canoeiro	Entre 05 e 09 – Uma anciã– Nakwatxa, faleceu em 04/05/23	31.427	Minaçu e Colinas do Sul – Goiás	Cerrado	1996



Foto: Divulgação/ Kamikia Kisedje

Ante a presença da Ministra dos Povos Indígenas, Sonia Guajajara, da presidenta da Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai), Joenia Wapichana, da deputada federal Célia Xakriabá, do secretário especial de Saúde Indígena, Weibe Tapeba, de ministros e ministras do Governo Lula, de lideranças indígenas, de servidores e servidoras da Funai, e sob as bençãos do grande chefe Kayapó, Raoni Metuktire, o presidente Lula anunciou que a meta de seu governo é de que todas as Terras Indígenas brasileiras sejam demarcadas até o final de seu mandato, em 2026.

Em um discurso emocionado, Lula disse ainda que todo o Brasil é Terra Indígena: "Quando dizem que vocês ocupam 40% do território nacional, passando a ideia de que há muita terra para os Povos Indígenas, vocês precisam dizer que, antes dos portugueses chegarem aqui, vocês ocupavam 100% do Brasil. É preciso respeitar os costumes de vocês. O mandato é de quatro anos, e nesses quatro anos nós vamos fazer mais do que fizemos nos outros oito anos em que estive na Presidência. Todos os governos devem saber que precisam atender às reivindicações indígenas, pois elas foram negadas a vida inteira".

Com essa conquista, a 19ª edição do ATL, organizado e coordenado pela Apib com o tema "O futuro indígena é hoje. Sem demarcação não há democracia!", não somente reforçou a necessidade da demarcação das terras indígenas, pediu o fim das violências contra os povos originários e decretou "Emergência Climática" para enfrentar o racismo ambiental e as violações de direitos causadas pelas mudanças no clima, mas trouxe, finalmente, resposta concreta para os povos originários, que contam, agora, com a homologação de mais seis terras indígenas demarcadas.



Zezé Weiss – Jornalista Socioambiental.



USINA PARQUE BANDEIRINHA
COMPLEXO TURÍSTICO

COMPLEXO TURÍSTICO USINA PARQUE BANDEIRINHA BOAS-VINDAS!

IMAGINE

Um braço de rio de água potável e cristalina, com quatro lindas cachoeiras, a maior com uma queda d'água de 15 metros de altura, e todas elas com aprazíveis poços para banho, distantes menos de 8 km do centro de Formosa...

IMAGINE

Esse pedaço do Rio Bandeirinha, afluente do Rio Paranã, localizado no Km 05 da GO 430, envolto por uma mata ciliar preservada, habitado por uma fauna diversa e colorida, entremeado por estonteantes trilhas ecológicas e, ponto de encontro de ambientalistas, turistas, romeiros e romeiras, a presença majestosa de uma igrejinha colonial, réplica de umas das primeiras igrejas de Formosa...

IMAGINE

Em meio à exuberância de um paraíso da natureza, a descoberta dos prédios da primeira usina de energia elétrica de Formosa, renovados, restaurados à sua glória dos anos 1930-1960 e totalmente adaptados para abrigar o Memorial da Usina, importante espaço de memória afetiva e resgate histórico...

IMAGINE

Encontrar, nesse local mágico, um centro de lazer acolhedor e bem cuidado, com parque infantil, lixeiras ecológicas, uma simpática loja de conveniência e o conforto da chegada e da partida em um bucólico passeio de trem!

VOCÊ ESTÁ NO COMPLEXO TURÍSTICO USINA PARQUE BANDEIRINHA.

BOAS-VINDAS!





USINA PARQUE BANDEIRINHA COMPLEXO TURÍSTICO

TERÇA A DOMINGO
DAS 9h às 17h
GO 430 - FORMOSA - GO
CONTATO: (61) 99923-2710
usinabandeirinha.com.br

"A nossa luta é pela defesa da seringueira, da castanheira; e essa luta nós vamos levar até o fim, porque não vamos permitir que as nossas florestas sejam destruídas."

CHICO MENDES



XANDÃO E AS FAKE NEWS NAS BANCAS DE TACACÁ

José Bessa Freire



Foto: Divulgação

Naquela tarde calorenta de Manaus, o sino da igreja de Aparecida bimbalhou as 18h00. As três irmãs saíram de sua casa no Beco da Escola, cada uma com sua cuia bordada de flores por artistas de Monte Alegre, lá de Santarém. Maria Regina – a Maré, Maria Júlia – a Maju e Maria da Fé – a Mafé, trajando vestido godê com bolinhas coloridas, subiram a rua Xavier de Mendonça até a banca de tacacá da dona Alvina, na esquina da Alexandre Amorim. Elas não sabiam, mas eram precursoras das fake news.

A banca de tacacá foi, na realidade, o berço das fake news, como comprovam as campanhas eleitorais para governador do Amazonas. Quando o mundo ainda nem sonhava com a mídia digital, as fake news já circulavam com cheiro de tucupi. O atual presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), Alexandre de Moraes (o Xandão) precisa saber que as cuias de tacacá abrigaram as milícias não digitais do jambu.

Orlando Silva, relator do projeto da Lei Brasileira de Liberdade, Responsabilidade e Transparência na Internet (PL 2630/20), votação prevista e adiada nessa terça, 2 de maio, devia explicar aos deputados como as postagens orais dos fregueses eram difundidas nas bancas de tacacá, numa época em que a televisão não chegara na sociedade oralizada do Amazonas, onde não se cultivava o hábito de ler jornais e o rádio de pilha não havia sido inventado.

Por isso, os amazonenses ficaram sabendo da morte de Getúlio Vargas de forma distorcida. Alguém ouviu a notícia num rádio de válvula, com recepção fraca, baixo volume, um zumbido e um chiado causados pelo capacitor precário. Espalhou, então, com muita rapidez, a versão de que o presidente havia sido assassinado por Carlos Lacerda, e não que se suicidara, preenchendo com sua imaginação a 'causalidade' que faltava. Era fake, mas com um fundo de verdade, considerando as calúnias responsáveis por seu suicídio disparadas por Lacerda.

MÁ FÉ

O poder viral da banca de tacacá deixava no bolso Facebook, Telegram, WhatsApp, Instagram, Twitter e oscambau a quatro. Quem sofreu na pele foram os candidatos a governador do Amazonas, em 1954, especialmente Plínio Coelho (PTB), mas também Rui Araújo (Coligação PSD, UDN, PDC e PTN) e Gama e Silva (PSP). Conto o caso como o caso foi testemunhado por dona Alvina.

Plínio Coelho não era mulherengo, mas, para prejudicá-lo, convenceram as pessoas de que ele engravidara a Maju e a Maré cheia. O boato se disseminou pelas bancas de tacacá com tanta velocidade, que as pessoas ficaram com os lábios dormentes e entorpecidos, o que foi agravado pela anestesia do jambu. Até a irmã mais nova das duas, a Mafé, acreditou que ia ser tia devido à fama do principal cabo eleitoral do PTB, Gilberto Mestrinho, que dois anos depois se tornaria prefeito de Manaus.

Dona Alvina, porém, se antecipou em algumas décadas à Agência Lupa, criada pela Revista Piauí e decidiu checar a informação. Rastreou os disseminadores do boato e localizou sua origem: Severino Pão-Duro, marketeiro da UDN que morava no bairro, era o criador da mentira, misturada com uma verdade. Era fato que o Boto passava o cerol em quem vestia saia godê, mas era falso que as moças estivessem grávidas. Disso, a tacacazeira entendia.

Sua banca alimentava a freguesia com um tacacá supimpa, banana frita no palitinho, croquete de pirarucu desfiado, bolo de mandioca, tapioca e, para rimar, muita fofoca. Mas dona Alvina cuidava da vida alheia com senso profissional e seriedade. Atestado de virgindade assinado por ela valia mais do que qualquer exame ginecológico. Ela não passava nada adiante, sem antes checar as fontes. Com olhar percuciente, conferiu as barrigas de Maré e Maju e concluiu que nenhuma delas estava grávida.

A notícia era falsa e dona Alvina não deixou que seu conteúdo fosse compartilhado, botando uma dose mais forte de pimenta murupi para queimar a boca dos linguarudos, entre elas a própria Mafé, que inventara ter subido numa jaqueira para falar com Jesus, havendo confirmado com Ele a gravidez das irmãs.

AS ÁGUAS VÃO ROLAR

Grato pela ação da dona Alvina, que restaurou a verdade, Plínio Coelho realizou seu último comício na sexta-feira, 1º de outubro, em um palanque armado ao lado da banca de tacacá dela, ali na Alexandre Amorim, de frente para a Xavier. Lembro bem do dia da semana, porque era a primeira sexta-feira do mês e eu havia assistido à missa do Apostolado da Oração com meu pai. Antes de seu discurso, explodiu no alto-falante a marchinha Saca-Rolha do Zé da Zilda, lançada naquele ano, e que se transformou em sucesso em todo o Brasil.

Plínio Coelho, que tinha fama de grande orador, aproveitou a deixa e começou sua fala citando a letra da música:

– As águas vão rolar.... Deixa as águas rolar... E neste domingo, três de outubro, o PTB levará os eleitores às urnas num turbilhão de votos, para derrotar a mentira com uma cachoeira de verdades.

Eu era um garoto de sete anos, mas estava lá, no meio da multidão, ao lado de Luiz Pucú, que já era poeta, e do Euclides



Foto: Divulgação/ Reuters

Coelho de Souza, primo da Freida Bittencourt. Foi justamente endereçado a nós, crianças, o jingle do penúltimo orador, uma paródia da música infantil Fogo, fogo, fogo, cantada nos folguedos nas ruas de Manaus. Com essa propaganda musical, o candidato ao Senado, Mourão Vieira, mirava o voto dos pais e mães. Ficou assim:

– Povo, povo, povo, o senador do povo, oi (bis). Antóvila Mourão Vieira no Amazonas tudo novo.

O PTB, que trazia um vento de renovação na vida política do Amazonas, elegeu Plínio Coelho governador e os dois senadores Cunha Melo e Antóvila Mourão Vieira, derrotando os velhos caciques conservadores: Álvaro Maia (PSD vixe vixe) e Severiano Nunes (UDN vixe vixe). Este último, aliás, foi citado nos discursos, porque todas as casas de Manaus, que haviam sido dedetizadas, tinham na sua fachada: SNM - Serviço Nacional da Malária, traduzido como Severiano Nunca Mais. Taí o Pucú e o Euclides que não me deixam mentir. Ou deixam?

O XANDÃO DE SAIA

No capítulo "A mulher do tacacá" do seu livro Introdução à Sociologia da Amazônia (Editor Sérgio Cardoso, 1956, pgs 308 a 310), André Araújo traz alguns elementos que permitem aprofundar a reflexão aqui apresentada: "O povo bom e humilde rende o preito de recordação emotiva a essas mulheres notáveis que são as tacacazeiras, porque elas constituem a beleza das ruas, as vozes das praças, a alegria das estradas e o conforto da menina-da sequiosa por comer".

O folclorista e pintor Moacir Andrade, que residia bem em frente à banca da Dona Alvina, reverenciou-a também em dois quadros: A tacacazeira (1972) e Tomando tacacá (sem data), reproduzidos no seu livro Manaus, Ruas, Fachadas e Varandas (Editora Calderaro, 1985, pgs 99 a 101). Lá, ele nomeia as tacacazeiras famosas da cidade, "com seus vestidos e aventais brancos imaculados", que sabiam "tratar os fregueses com muita amabilidade".

Foi assim que dona Alvina, de forma eficiente, contribuiu para eleger o governador e os dois senadores do PTB, ao identificar a notícia falsa e impedir que seu conteúdo fosse compartilhado. Não seria exagero dizer que Dona Alvina foi o Xandão de saia.

P.S. Quem me iniciou nos segredos da "Tacacalogia" há mais de 40 anos foi Ernesto Renan Freitas Pinto, uma das inteligências mais brilhantes do Amazonas, que recebeu o merecido título de professor emérito da UFAM na terça, 2 de maio, no Auditório Rio Solimões. Sua tese de doutorado (PUC-SP, 1992) Sociologia de Florestan Fernandes, orientada por Octavio Ianni, foi editada pela Edua. Seu pós-doutorado na USP sobre Theodor Adorno rendeu livro de autoria coletiva com Tenório Telles e Davyd Spencer.



José Bessa Freire – Sociólogo. Professor Universitário. Jornalista. Escritor. Membro do Conselho Editorial da Revista Xapuri. Suas crônicas são pulicadas, semanalmente, em seu blog www.taquiprati.com.br.

CONTRA A PRIVATIZAÇÃO DO IPASGO

Bia de Lima

Nossa primeira vitória!

O desembargador Alan Sebastião de Sena Conceição aceitou a Ação Direta de Inconstitucionalidade (Adin) impetrada pela bancada do Partido dos Trabalhadores (PT) na @assembleiago, junto ao Diretório da legenda, contra a privatização do Ipasgo.

A determinação do magistrado é para que o governador Ronaldo Caiado, por meio do Procurador Geral do Estado, apresente defesa da presunção da constitucionalidade da legislação impugnada, conforme dispõe o § 3º do artigo 60 da Constituição Estadual.

A extinção do Ipasgo enquanto autarquia pública, dando lugar a um Serviço Social Autônomo de caráter privado, foi uma decisão arbitrária, sem consulta popular. Votamos contra e continuaremos defendendo os interesses dos servidores e servidoras de Goiás.

É luta que segue!



Bia de Lima – Presidenta licenciada do SINTEGO. Deputada Estadual eleita pelo PT Goiás.



Foto: Divulgação/ Jucimar de Sousa/ Mais Goiás)

SINTEGO
GENTE QUE TRABALHA A EDUCAÇÃO
SINDICATO DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO DE GOIÁS

ECODECÁLOGO:
DEZ MANDAMENTOS PARA SALVAR A VIDA NO PLANETA

Michael Löwy



Foto: Divulgação/ Marcelo Elias/Gazeta do Povo

O autor destas notas não se julga um novo Moisés e não considera ter recebido este Ecodecálogo de Jeová. Trata-se simplesmente de uma tentativa de responder, com um toque de ironia, em duas páginas breves, à pergunta que muitos se fazem atualmente:o que fazer? O que fazer diante da crise ecológica e da catástrofe climática?

Leonardo Boff.

I. Levarás a sério a crise ecológica. Não se trata apenas de um problema entre muitos outros, é a questão política, econômica, social e moral mais importante do século XXI. É uma questão de vida ou de morte. Nossa casa comum arde em fogo. Não há tempo a perder. Tu tens outras preocupações? Estás preocupado, com toda razão, com o preço da gasolina e do gás e te preocupas injustamente com o grande número de árabes, negros, ciganos, judeus, mexicanos e gays em teu país? Tens que modificar tuas inquietações. A crise climática é mais grave. Muito mais grave? Infinitamente pior. Trata-se da tua sobrevivência e/ou da de teus filhos e netos.

II. Não adorarás os ídolos da religião capitalista: "Economia de mercado", "Energias fósseis", "Crescimento do PIB", "Organização Mundial do Comércio", "Fundo Monetário Internacional", "Competitividade", "Pagamento da dívida" etc. Estes são falsos deuses, ávidos por sacrifícios humanos e responsáveis pelo aquecimento global.

III. Agirás diariamente de acordo com os princípios ecológicos. Recusarás viagens de avião nas distâncias cobertas por ferrovias. Reduzirás drasticamente teu consumo de carne. Evitarás as armadilhas do consumismo. Terás consciência da interdependência de todos os seres vivos e agirás com prudência e respeito pela natureza. Mas rejeitarás as ilusões do "beija-florismo": a crença de que a mudança ecológica resultará da soma de pequenas ações individuais.

IV. Apoiarás ações coletivas, por exemplo, qualquer luta ecológica concreta, em teu país e no mundo. Consoante o caso, optarás por manifestações de rua, atos de desobediência civil, ZADs [Zonas a Defender], sabotagem de oleodutos. Participarás ou apoiarás movimentos, ONGs etc. que lutem pelas causas ecológicas, privilegiando as mais radicais.

V. Nunca oporás o social e o ecológico. Tentarás, por todos os meios, favorecer a convergência entre lutas sociais e ecológicas. Agirás para garantir empregos alternativos aos trabalhadores das empresas poluentes, que devem fechar. Tentarás aproximar sindicatos e movimentos ecológicos.

VI. Serás solidário, militante e/ou financeiramente, com os refugiados do clima e as vítimas de catástrofes ecológicas. Exigirás que as fronteiras de teu país lhes sejam abertas e que os países ricos do Norte indenizem os países pobres do Sul pelos danos causados pelas mudanças climáticas.

VII. Lutarás sem trégua contra os políticos ecocidas e/ou negacionistas do clima, os Donald Trump, Jair Bolsonaro, Scott Morrison e cia. Todos os meios são bons para desalojá-los, trocá-los, neutralizá-los.

VIII. Rejeitarás o teu apoio àqueles que invocam o nome da ecologia em vão. Ou seja, os políticos que fazem belos discursos, mas não agem contra as emissões e os combustíveis fósseis. Ou que propõem falsas soluções como os "direitos de emissão", os "mecanismos de compensação" e outras mistificações do capitalismo verde e do greenwashing.

IX. Combaterás, por todos os meios, as empresas da oligarquia fóssil, ou seja, o enorme complexo econômico-financeiro-político-militar ligado às energias fósseis: petróleo, carvão, gás. Lutarás por sua expropriação e pela criação de um serviço público de energia, resolutamente orientado para as energias renováveis (solar, eólica, hídrica etc.) e capaz de oferecer serviços gratuitos às camadas populares.

X. Sabendo que o problema é sistêmico e que, consequentemente, nenhuma solução verdadeira será possível no marco do capitalismo, participarás, de uma forma ou de outra, dos partidos ou movimentos que propõem alternativas anticapitalistas: ecossocialismo, ecologia social, decrescimento etc.



Michael Löwy – Diretor de pesquisa em sociologia no Centre Nationale de la Recherche Scientifique (CNRS). Autor, entre outros livros, de O que é o ecossocialismo (Cortez).



Leonardo Boff – Teólogo. Escritor. Participou da redação da Carta da Terra.



Foto: Divulgação

PROJETO SAÚDE & ALEGRIA: JUSTIÇA, AINDA QUE TARDIA

Zezé Weiss

O ano era 2019. No dia 9 de agosto, uma nuvem de fumaça vinda das queimadas da Amazônia escureceu o céu de São Paulo no meio da tarde. Uma imensa "língua" de fuligem caiu sobre a capital do estado mais rico do país.

Era o resultado do "Dia do Fogo", promovido por produtores rurais, sob a conivência ostensiva do governo do Coiso, em Novo Progresso, no estado do Pará, no sul da Amazônia. Diante de um crescimento de 300% nos focos de queimada naquele ano, o ex-ministro da Justiça, Sérgio Moro, negou o envio da Força Nacional de Segurança para apoiar o trabalho das brigadas de incêndio na região.

Meses depois, em 29 de novembro, um incêndio criminoso consumiu cerca de 11 km2 de área protegida na região de Alter do Chão, distrito de Santarém, no sul do Pará. Dessa vez, o governo federal atuou com rapidez – para prender quem lutava contra o incêndio – quatro brigadistas do Projeto Saúde e Alegria, ONG com quase quatro décadas de um trabalho com reputação ilibada em defesa da Amazônia e dos Povos da Floresta.

Daí pra frente, foram quatros anos de intenso escrutínio sobre o Saúde e Alegria. De acordo com Caetano Scannavino, coordenador geral do PS&A, "foi a maior auditoria e fiscalização de uma ONG na história, com a apreensão e investigação de notas fiscais, contratos, livros, hard disks e notebooks contábeis, enfim, todo o nosso depósito de arquivos administrativos dos últimos 10 anos".

Agora, em abril de 2023, depois de cerca de oito mil documentos analisados, segundo o jornal Brasil de Fato, o Ministério Público do Pará arquivou o inquérito por não ter encontrado nenhum indício de fraude na documentação do PS&A. Este foi o segundo inquérito arquivado com relação ao mesmo caso. Em 2021, o Ministério Público já havia arquivado a acusação de que um dos membros da organização teria sido responsável pelo incêndio.

Caetano Scannavino celebrou a conquista não somente do Projeto Saúde e Alegria, mas de todo o movimento social da Amazônia: "Se havia alguma motivação em criminalizar organizações da sociedade civil, o que se deu foi o contrário, com essas acusações infundadas resultando num certificado de excelência nas nossas contas. É mais uma comprovação de que ONGs são, sim, sérias".

Ou seja, fez-se justiça, ainda que tardia. Longa vida ao Projeto Saúde e Alegria!



Zezé Weiss - Jornalista Socioambiental. Editora da *Revista Xapuri*.

Janaina

Luis Fabiano

Ela é como um beijo suave
Nas pétalas da seda
Ondas serenas pela manhã
A vontade
Uma fagulha desejando incendiar
Gosta do que é simples
Janaina é
Janaina foi
Janaina será
Pensamento respirando emoções
Desejos transpirando em silêncios
Não quer se machucar mais
Mas esconde suas cicatrizes
Entre ontens e revezes...
Que por vezes gritam saudades
Por vezes Janaina suspira e se retorce
Tenta não pensar mais
Então
Torna-se firme
Rocha de espuma
Apaziguando inquietações
Suas e alheias
Janaina doce
Janaina diluvio
Janaina passos firmes
Por vezes pensa no amanhã
Filhos, amor, uma canção e ele.
Então respira
Melhor sempre amanhã
Pior se finda nas caricias do ontem
Como o inverno afagando o verão
Sorriso de Janaina
Pólen fecundo
Florescendo lentamente suas rosas
Janaina
As rosas de Janaina.



Luis Fabiano – Escritor de literatura de realismo profundo. Poema publicado em https://ofiodanavalha.com. Tomado emprestado por nós, equipe da *Revista Xapuri*, para homenagear nossa Gerente Executiva,Janaina Faustino, que faz aniversário no dia 18 de maio.



24ª Semana Nacional em Defesa e Promoção da Educação Pública

"Soberania se faz com educação pública e participação social"

De 24 a 28 de abril



As lives serão transmitidas pelo canal /cntebrasil

Dia 24/4/23 (segunda-feira)

Em Brasília: Entrega do manifesto pela revogação do novo ensino médio no Ministério da Educação.

Tema: As contradições do "projeto educacional" em vigor

Sugestão de atividade: Debate com os estudantes e/ou pais/mães/responsáveis, gravar relatos dos/as estudantes no formato de vídeo de até um minuto e/ou textos de no máximo duas laudas para publicação.

Dia 25/4/23 (terça-feira)

Tema: A recomposição do FNE e os novos desafios

Sugestão de atividade: Debate com os estudantes e/ou pais/mães/responsáveis, gravar relatos dos/as estudantes no formato de vídeo de até um minuto e/ou textos de no máximo duas laudas para publicação.

Dia 26/4/23 (quarta-feira)

Greve Nacional dos/as Trabalhadores/as em Educação

Tema: Financiamento e valorização do Piso e da Carreira da Educação

Sugestão de Atividade: Panfletagem nas praças da cidade com uma síntese conceituando valorização profissional dos/as trabalhadores/as da educação.

Dia 27/4/23 (quinta-feira)

Tema: Gestão democrática com segurança alimentar

Sugestão de atividade: Campanha de arrecadação de alimentos durante a 24ª Semana para doação no próprio bairro ou em outro espaço.

Dia 28/4/23 (sexta-feira)

LIVE: 10h - horário de Brasília

Tema: Revogação do PECIM

LIVE: 19h - horário de Brasília

Tema: A democracia, o novo PNE, o SNE e a soberania do povo brasileiro

Sugestão de Atividade: Promover um passeio ciclístico, ou uma caminhada pela cidade com a comunidade escolar e a sociedade, que divulgue a importância do Novo Plano Nacional de Educação.

EDUCAÇÃO PÚBLICA EU APOIO

CNTE Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação www.cnte.org.br

Filiada à CUT BRASIL

CEA

FNPE



XAPURI

CAMPANHA ASSINATURA SOLIDÁRIA

PRA XAPURI ACONTECER, NÓS PRECISAMOS DE VOCÊ.

VEM COM A GENTE!

REVISTA IMPRESSA

ANUAL R$ **360**,00 12 EDIÇÕES

BIANUAL R$ **600**,00 24 EDIÇÕES

ASSINE JÁ! WWW.XAPURI.INFO/ASSINE